



CALÍOPE

Presença Clássica

Dossiê sobre Xenofonte (separata 9)

2021.1 . Ano XXXVIII . Número 41

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Dossiê sobre Xenofonte
(separata 9)

organizadores do dossiê:
Luis Filipe Bantim de Assumpção | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondarezuk
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Esttua de Xenofonte em frente ao parlamento austracio em Viena.

EDITORAÇÃO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Luis Filipe Bantim de Assumpção

REVISÃO DE TEXTO
Arthur Rodrigues Pereira Santos | Luis Filipe Bantim de Assumpção | Pedro Proscurcin Junior | Rainer Guggenberger | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Luis Filipe Bantim de Assumpção | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

O melhor dos aquêmidas: benevolência, interesse próprio e a leitura ‘irônica’ da *Ciropédia*¹

Gabriel Danzig

RESUMO

Críticos argumentam que, apesar de manter uma aparência de benevolência, em realidade, Ciro busca incansavelmente o seu próprio interesse. Isso, porém, é uma dicotomia falsa. Para Xenofonte, a busca dos próprios interesses não contradiz nem a benevolência nem a beneficência. Ao contrário, a benevolência e a beneficência contribuem para a obtenção dos objetivos de interesse próprio e, portanto, a busca por interesses próprios requer ambas (cf. *Memorabilia* 3.1.10, *Oeconomicus* 12.15). Isso porque as posses mais úteis são os amigos e eles são adquiridos por atos de benevolência. A questão mais complicada é o conflito entre o interesse próprio e os interesses de amigos e aliados. Contudo, conflitos entre interesses sinceros, em oposição a desejos e vontades, não precisam surgir com frequência, uma vez que diferentes indivíduos merecem e se beneficiam de coisas diferentes. Essa compatibilidade de interesses é ilustrada, particularmente, quando Ciro leva a melhor sobre seu tio Ciaxares. Em vez de o fato tê-lo prejudicado, ele avança sobre os interesses de ambos simultaneamente.

PALAVRAS-CHAVE

Antiguidade Clássica; Xenofonte; *Ciropédia*; benevolência; ironia; Ciro.

SUBMISSÃO 27.4.2021 | APROVAÇÃO 12.7.2021 | PUBLICAÇÃO 1.9.2021

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i41.43364>

INTRODUÇÃO

A

Ciropédia de Xenofonte apresenta o relato histórico-ficcional de como Ciro fundou o império persa. É fácil presumir que, na composição desse relato, Xenofonte atribui a Ciro todas as melhores qualidades do seu líder ideal. Contudo, um número surpreendentemente grande de pesquisadores tem argumentado que existe uma ironia neste retrato e que, na verdade, Xenofonte tem fortes reservas e objeções ao comportamento e ao modo de governo que ele atribui a Ciro.²

Este argumento foi apresentado primeiro por Carlier (1978) e tem sido repetido e desenvolvido por muitos outros pesquisadores.³ O argumento de Carlier foi, talvez, o mais satisfatório do ponto de vista teórico, porque ele deu uma explicação para o retrato negativo de Ciro. Aceitando a ideia mais antiga de que a *Ciropédia* concerne uma possível conquista grega do leste, Carlier argumenta que, ao invés de oferecer uma visão favorável desse prospecto, Xenofonte oferece uma visão desfavorável. Enquanto Ciro, de fato, tem êxito em conquistar seus inimigos, argumenta Carlier, ele também subjuga seus amigos e aliados, privando-os de liberdade e independência, estabelecendo um regime tirânico. Para embasar esse argumento, Carlier considerou por volta de nove características do regime de Ciro que parecem confirmar seu caráter tirânico ou mau.

Escritores mais recentes deixaram de lado a suposição de que Xenofonte estaria se referindo à possibilidade de uma invasão oriental e se restringem às observações das características negativas do comportamento de Ciro ou de seu regime.⁴ Gera⁵ lista por volta de treze características negativas e chega à conclusão moderada de que Ciro é um déspota benevolente. Ela acrescenta que o despotismo pode ser necessário para o governo de um império e é, talvez, possível ver nessa conclusão um reflexo do argumento de Carlier – que a conquista em si é uma ideia ruim.

Podemos distinguir quatro argumentos gerais que aparecem nessas críticas de Ciro. Um é que o regime persa original

já era um regime ideal. Uma vez que só pode haver um regime ideal, aquele instituído por Ciro não pode sê-lo.⁶ O segundo é que o capítulo final, que delinea a degeneração da Pérsia depois da morte de Ciro, mostra a insuficiência dessas instituições.⁷ O terceiro é que os modos de governo que Ciro estabelece, especialmente depois da conquista da Babilônia, são tirânicos ou opressivos com relação aos seus amigos, aliados e dependentes.⁸ O quarto é que, apesar da aparência de benevolência, Ciro na verdade está motivado por uma ambição pessoal implacável.⁹ Depois de comentários breves sobre os três primeiros argumentos, irei concentrar minha atenção no quarto argumento, isto é, que Ciro não foi benevolente de fato.

(1) O regime original persa não prevê um padrão a partir do qual é possível criticar o regime estabelecido por Ciro por três razões:

a) A assunção de que só pode haver um único regime ideal é injustificável. Não somente é concebível que mais de um regime pode ser ideal para uma comunidade em particular, mas também é praticamente inevitável que diferentes regimes sejam ideais para comunidades diferentes (cf. Aristóteles, *Política* 3.7, 4.2-13). Enquanto o regime original persa, possivelmente, é ideal para uma pequena comunidade em estado de paz, ele não seria suficiente para um império no modelo que Ciro construiu.

b) Existem algumas características negativas do regime original que foram melhoradas no regime (ou regimes) fundado(s) por Ciro. A mais relevante é o equilíbrio entre as distinções de classe e a introdução de uma forma de justiça distributiva baseada na meritocracia. Como Nadon¹⁰ aponta, Feraulas é um exemplo de uma pessoa simples que pôde mostrar sua virtude somente devido às reformas de Ciro.¹¹

c) Mesmo se a monarquia constitucional, tal como praticada na Pérsia, fosse uma forma ideal de governo e as mudanças feitas por Ciro fossem, de algum modo, mudanças para pior, elas são apresentadas como necessárias para encarar a ameaça de uma invasão assíria. Nem a Pérsia nem a Média teriam sobrevivido sem essas mudanças; quaisquer que sejam as suas

qualidades ideais, um regime que não pode sobreviver não vale muito, certamente não para alguém como Xenofonte.¹²

(2) A degeneração da Pérsia depois da morte de Ciro serve como uma crítica a Ciro somente se assumirmos que a medida de um bom líder é a habilidade de criar instituições duradouras. Gera¹³ argumenta que sim, e cita o fato de que Xenofonte, frequentemente, credita Ciro pelas boas práticas duradouras. Contudo, esses comentários servem primariamente para: a) mostrar continuidade entre o Ciro ficcional e a realidade histórica; b) mostrar que esses costumes contemporâneos se originaram de maneira inteligente. Eles não visam demonstrar, necessariamente, o mérito de Ciro ao apresentar as virtudes da Pérsia contemporânea e, portanto, eles não entram em conflito com o retrato da degeneração da Pérsia apresentada no último capítulo.

De todo modo, Xenofonte rechaça a questão do regime no capítulo inicial do seu livro, quando nota que nenhum dos regimes reconhecidos é estável. Xenofonte não acredita que as instituições políticas são uma fonte confiável de um bom governo na ausência de uma inteligência viva governante (*blepon nomos*).¹⁴ Como Xenofonte diz com relação a Pérsia: “Quando a pessoa em controle é melhor, a lei é observada com maior pureza. Quando ele é pior, ela é observada de modo inferior”.¹⁵

Um paralelo de sua defesa de Sócrates é pertinente. Na *Memorabilia* 1.2, Xenofonte argumenta que Sócrates não é responsável pelo mau comportamento de seus alunos, depois que eles abandonaram sua companhia. Assim como Dorion (2002) argumenta, se Sócrates não foi considerado responsável pela degeneração de seus alunos, por que Ciro deveria ser responsável pela degeneração da Pérsia? Isso é o que sempre acontece quando um grande líder está ausente. Seria errado, então, culpar Ciro por não realizar o que ele nunca quis realizar e pelo que seria impossível de o fazer.

O capítulo final pode ser explicado da seguinte maneira: 1) uma concessão necessária à realidade histórica: a Pérsia não parecia perfeita na época de Xenofonte, então algum declínio deve ter ocorrido e 2) como uma forma de elogio a Ciro.¹⁶ Tal como na

Iliada (22.477-514), a descrição do dano causado pela perda do herói é uma forma de elogio. O fato de o declínio começar imediatamente após a morte de Ciro não mostra que Ciro falhou em educar seus filhos.¹⁷ Esse é um assunto que, praticamente, não é tocado no livro.

(3) Aqueles que julgam o regime de Ciro uma tirania, geralmente, não fazem um esforço para mostrar que Ciro também julgaria dessa forma. Será que Ciro encoraja *proskunesis* em um grau excessivo? É errado que Ciro se faça inacessível enquanto rei? Será que Xenofonte considera que o uso de eunucos é repugnante? O fato de uma prática não ser calorosamente aprovada na Grécia não prova que Xenofonte não aprovava.¹⁸ Ele tinha grande admiração pelos que se afastavam de um julgamento convencional – não somente no caso de Sócrates, mas também, por exemplo, no caso de Licurgo (*Constituição de Esparta 2*). Ele frequentemente dá conselhos que entram em conflito com opiniões estabelecidas na Grécia (e.g. *Poroi, Hiero*).

Embora eu não possa discutir aqui em detalhes as muitas práticas de Ciro que foram objetadas, meu argumento geral é que Xenofonte ou as aprova, ou as considera intrigantemente plausíveis, apesar ou mesmo devido ao fato de algumas delas serem problemáticas para o leitor grego médio. Muitas boas observações sobre o valor das práticas que Ciro inaugura podem ser encontradas no subtilizado estudo de Breebaart (1983). Newell¹⁹ sugeriu que o regime que Ciro estabelece é uma tirania reformada, uma na qual existe uma soberania sobre pessoas que a aceitam de forma voluntária, e que é fundada não na lei, mas de acordo com o conhecimento.²⁰ Tuplin²¹ descreve o regime de Ciro como um despotismo benevolente. Isso é aceitável, desde que não tomemos despotismo no sentido negativo. Tuplin também nota a importância em distinguir entre a Pérsia reformada e o império (p. 87-95).

Ainda melhor, o governo de Ciro pode se encaixar no conceito aristotélico de *pambasileus* (*Política* 3.16),²² com o entendimento de que Xenofonte não compartilha a crença de Aristóteles de que mesmo o melhor dos homens deve usar a lei

(3.15.6) ou coloca-o dentre os casos nos quais essa obrigação deve ser dispensada (3.17.7). Entretanto, é impossível concluir que o império se conforma ao padrão de tirania, que, para Xenofonte, é representado por um regime muito diferente do rei da Assíria. Xenofonte certamente concorda com Platão (*República* VIII) e Aristóteles (*Política* 5.10.7-10) que um regime é distinguido não somente pela sua estrutura, mas, essencialmente, pela intenção de seus governantes. E, como veremos, Ciro claramente tem boas intenções.

Embora James Tatum não seja um dos que apresenta interpretações irônicas ou avaliações negativas de Ciro, seu trabalho tem o mérito de claramente delinear muitas das características pelas quais Ciro é criticado pelos outros; acima de tudo, sua busca focada por um interesse próprio. Tatum dedica seu trabalho, em grande parte, para mostrar como Ciro manipula todos os que encontra a fim de servir seus próprios objetivos políticos.²³

Em muitos casos, o comportamento discutível de Ciro lembra o do mestre de Xenofonte, Sócrates. Por exemplo, Tatum (1989) comenta:

Embora as amplas divisões da família, amigos e inimigos são reais o suficiente, é difícil encontrar qualquer diferença no tratamento que Ciro dá à sua família, aos seus amigos e inimigos. Em todas as fases de sua carreira e em todos os níveis de envolvimento com os outros, ele tem um curioso desapego com relação às outras pessoas, mesmo quando ele se faz famoso ao redor do mundo por sua bondade e generosidade através de atos calculados de filantropia (p. 71).

As primeiras vítimas...são sua mãe Mandane e seu avô Astiages...eles são as primeiras pessoas que experienciam a sua genialidade para manipular os outros de modo em interesse próprio (p. 97).

Essa descrição da indiferença de Ciro à família pode ser aplicada com pequenas diferenças no Sócrates de Xenofonte. Sócrates foi acusado de alienar os sentimentos dos jovens em relação aos pais e de ensinar que as opiniões dos pais não

mereciam nenhuma consideração especial (*Memorabilia* 1.2; e cf. *Apologia* 20). Xenofonte não nega que Sócrates fez essas coisas, nem o critica por tê-lo feito. Ao contrário, ele defende a atitude como sendo razoável: respeito é devido aqueles que têm conhecimento e não aos que têm relação de parentesco. (*Memorabilia* 1.2.51-55). Mais adiante, na *Memorabilia*, ele retrata Sócrates promovendo essa atitude de indiferença aos laços familiares. Em 2.2, ele persuade seu filho Lamprocles a apreciar o temperamento irascível de sua mãe, ao compará-la com um animal selvagem. Em 2.3, ele repreende Caerecrates por não reconhecer as vantagens a serem ganhas em ser amigo do próprio irmão. E, com tudo isso, é possível defender que Ciro, sim, dá um tratamento preferencial aos familiares: ele sempre trata o seu pai com respeito e, possivelmente, seu tio também se beneficia de um tratamento preferencial, como veremos adiante.

De acordo com Tatum,²⁴ Ciro também tem uma relação problemática com a lei e com as convenções. “Aparentemente obediente a cada uma das leis... [Ciro] é friamente interesseiro e subversivo do *status quo*”. De fato, Ciro frequentemente altera leis e costumes persas ainda que essas alterações sejam sempre apresentadas como melhorias. Ciro cria um sistema de governo no qual a lei tem um lugar inferior ao que ela tinha na Pérsia de seu pai. Aqui, novamente, a atitude encontra paralelos com Sócrates. Tanto em Platão quanto em Xenofonte, Sócrates demonstra uma atitude mista em relação à lei. Na *República*, Sócrates concebe um regime no qual o sábio, e não uma lei inflexível, rege. Em resposta ao acusador que alegou que Sócrates havia criticado o método de escolher certos oficiais por sorteio, Xenofonte não nega a acusação, mas, ao invés disso, louva Sócrates por cultivar sabedoria (*Memorabilia* 1.2.9-11).²⁵ A ideia de que a sabedoria é um padrão superior ao da lei parece ser um *motif* socrático comum e não é surpreendente se Ciro, que tem a possibilidade de estabelecer um governo baseado na sabedoria, não o faria, e não há razão para crer que Xenofonte o critica por isso.

Sendo assim, Tatum está correto em dizer que Ciro tem uma busca interesseira em cada passo que dá. Mesmo em seus

momentos que mais parecem ser altruístas, é possível vermos essa busca interesseira. Por exemplo, quando ele persegue os persas para permitir que as tropas hircanianas dividam os espólios, ele diz que isso servirá os seus próprios interesses (4.3.42-45). Quando ele recusa a mulher mais bela da Ásia, ele o faz por razões interesseiras (5.1.8); quando ele distribui a maior parte de sua riqueza aos amigos, ele assim o faz por razões interesseiras (8.2.15-23); quando ele ganha a aliança do rei armênio para seu tio, isso é vantajoso para ele (3.3.3, 3.3.5).²⁶ Como Nadon²⁷ comenta: “A benevolência de Ciro não é desinteressada. Suas ações são todas calculadas para aumentar sua honra ou influência”.²⁸

Sendo assim, será que Ciro deve ser criticado pela busca por interesse próprio?²⁹ Tatum³⁰ não o critica. Carlier encoraja o leitor a fazer uma inferência negativa. Pangle,³¹ Gera³² e Nadon,³³ por outro lado, não contam a busca interessada de Ciro como uma marca contra ele, mas nenhum deles oferece um argumento para mostrar que Xenofonte desaprova a busca por interesse próprio de Ciro. Para ser considerada uma crítica, a descrição do comportamento de Ciro deve contradizer um ideal que o próprio Xenofonte mantém e não somente um que o leitor moderno tenha. Onde Xenofonte fala explícita ou implicitamente que a busca interesseira é errada?

Somente Ambler³⁴ traz um argumento para mostrar que Xenofonte vê a busca por interesse próprio de Ciro negativamente. Ele nota que, às vezes, personagens no livro louvam Ciro por virtudes que ele não possui. Em especial, Gadatas expressa um ideal de comportamento abnegado que contradiz a virtuosidade de Ciro, visto que é um ideal que ele mesmo não alcança. Depois que Ciro o resgatou do rei assírio, Gadatas agradece nos seguintes termos:

Eu não sei o que você precisa de mim agora, nem você me prometeu que faria essas coisas, nem você experienciou nada de bom através de minhas mãos, ao menos não você pessoalmente. Contudo, como parece para você que será um pouco benéfico aos seus amigos, você me ajudou

entusiasticamente de modo que – embora sozinho eu estaria acabado – eu fui salvo graças a você (5.4.11).

Na visão de Ambler, Ciro não está a par do louvor. Ele não age desinteressadamente e mesmo o ousado resgate de Gadatas não foi feito por razões altruístas. Como Ambler³⁵ nota, Ciro falou das vantagens que ele espera ganhar ao ajudar Gadatas (5.3.31-33). É vantajoso ajudar Gadatas tanto porque ele se opõe a um inimigo comum quanto, ao agir assim, Ciro ganha uma reputação que é útil para ajudar seus amigos e prejudicar os inimigos (cf. 5.3-20, em que os hircanianos expressam sua gratidão aos deuses por encontrar um homem benevolente como Ciro).

Mas, existem vários problemas nessa linha de argumentação. Em primeiro lugar, não há razão para tomarmos as palavras de Gadatas como um reflexo dos valores e crenças do autor para além do que tomaríamos de qualquer outro personagem. Gadatas tem uma posição de autoridade na obra muito menor do que o próprio Ciro ou o pai de Ciro e, ambos, assim como Sócrates, veem a busca por interesse próprio de forma favorável. Além disso, enquanto Gadatas louva Ciro, ele não o louva por agir de forma altruísta ou nega que ele age por interesse próprio. Ele diz que *não está ciente* de qual necessidade imediata Ciro pode ter dele, mas ele não *nega* que Ciro possa ter essa necessidade. Mais ainda, ter uma necessidade *imediata* é somente um motivo de interesse próprio possível para salvá-lo do rei assírio. Outros motivos possíveis incluem ter um motivo de longo prazo, desejar afugentar o rei da Assíria da região e criar a impressão de lealdade a um aliado, todos os quais são bastante relevantes. Isso pode parecer um subterfúgio, mas, como veremos, não é o único lugar onde somos recompensados por entender Xenofonte de forma literal.

Gadatas também louva Ciro por agir sem nenhuma obrigação de fazê-lo. Mesmo que isso seja verdadeiro, obviamente isso não implica que Ciro estava motivado por uma benevolência abnegada: o interesse próprio pode estar presente mesmo quando a obrigação não está. E Gadatas sabe muito bem que havia uma obrigação: ele arriscou sua vida duas vezes para ajudar os esforços

de Ciro em derrotar o rei da Assíria. Em primeiro lugar, ele entrou e traiu uma fortaleza local (5.3.9-19); em segundo lugar, quando ele voltou para a sua terra com um pequeno grupo para se opor às forças da Assíria (5.3.26-28). Ciro admite publicamente a grande dívida que ele tem para com Gadatas (5.3.19; 5.3.30-33) e seria surpreendente, e falso, se Gadatas negasse a existência de uma obrigação prévia. Ele não o faz. Ele somente a minimiza dizendo que isso beneficia os amigos de Ciro (os hircanianos; cf. 5.3.11). Mesmo assim, é Gadatas que provê a oportunidade a Ciro de dar esse benefício aos seus amigos.³⁶

A alegação de Gadatas, a de que Ciro nunca prometeu ajudá-lo, é completamente falsa, uma vez que Ciro fez essa promessa (5.3.28). Já que Gadatas não está, de fato, alegando que Ciro agiu de forma altruísta, ele o louva com relação a quê? O que há de tão admirável em ajudar a defender um valioso aliado para o qual já há uma dívida, enquanto ambos estão diante de um inimigo comum e depois de prometer que iria fazê-lo? Possivelmente, Gadatas admira Ciro por ter uma visão de longo prazo a respeito dos benefícios que ele pode ter ou, então, por reconhecer o valor de um agente aparentemente insignificante. Mas, podemos também suspeitar que Gadatas tem outros motivos para falar bem de Ciro. Ele pode exagerar as ações de Ciro, pois deseja cimentar a relação com ele, de modo a amplificar o grau de sua própria dívida e obrigação futura. Suas palavras também são uma expressão da sua própria gratidão para com Ciro. O louvor em si constitui uma forma de pagamento ao favor que Ciro fez, uma vez que aumenta o seu prestígio. Ao deixar implícito que Ciro ainda não se beneficiou, suas palavras aumentam a dívida de Gadatas e, assim, encoraja Ciro a continuar apoiando-o e a fazer uso dele. De fato, Gadatas vai, posteriormente, provar-se um aliado inestimável. Em vez de mostrar um tributo ao altruísmo, a passagem mostra o valor em conceder favores aos homens honrados como Gadatas, fazendo investimentos que certamente pagarão dividendos.

No restante dos escritos de Xenofonte, existem vários indícios que ele aprova, completamente, a busca por interesse próprio. Xenofonte frequentemente louva Sócrates por beneficiar

seus amigos (*Memorabilia* 1.3.1). O principal benefício que Sócrates provê é o conselho em como eles podem fazer sua busca interesseira de forma mais efetiva. Se isso é louvável, então a busca interesseira bem-sucedida, necessariamente, é uma coisa boa. O pai de Ciro, uma das vozes de maior autoridade na *Ciropédia*, também tem uma atitude similar. Assim como o Sócrates de Xenofonte, ele está, acima de tudo, preocupado com a função utilitária, aconselhando seu filho em como atingir seus próprios objetivos, mesmo falando longamente de *pleonexia* como um objetivo valoroso (1.6.26-46). Entre outras coisas, ele argumenta que fazer atos de benevolência podem contribuir para a busca de seus próprios objetivos (1.6.24), o que é exatamente o que os críticos de Ciro o acusam de fazer.³⁷

Na visão de Xenofonte, não há nada de errado em fazer um ato de benevolência em prol do interesse próprio. Atos de benevolência são úteis para avançar os próprios interesses e Xenofonte, constantemente, mostra Ciro fazendo bom uso deles. Como Ciro fala “enriquecendo e beneficiando os homens, eu adquirei boa-vontade e amizade e desses eu colho segurança e glória.” (8.2.22). A transparência de Ciro sobre isso diminui a força da alegação de que isso é uma marca contra ele. Mais ainda, se fosse errado ser beneficente por razões interesseiras, não poderíamos esperar ver Ciro encorajando outros a agir dessa mesma forma para com ele. Mas é isso que ele faz. Por exemplo, ao recompensar Crisantas (4.1.3-4; 8.4.10-11), por fazer coisas que nunca foram perguntadas, ele explica que deseja encorajar outros a fazer o mesmo (8.4.12). Ele não parece nem um pouco preocupado que esse futuro ato de generosidade para com ele possa ser motivado por interesses próprios. Ao contrário, ao apresentar a prospecção de uma recompensa por tais atos, ele encoraja seus subordinados a agir por interesse próprio benevolentemente para com ele. Sendo assim, Ciro não encoraja ações altruístas em seus soldados, tal como o fazem muitos educadores e líderes modernos. Ao invés disso, ele os encoraja a servir os outros como um meio de promover o interesse próprio.

Se ele encoraja os outros a servi-lo por razões egoístas, por que seria errado que ele beneficie outros pelos mesmos motivos?³⁸

PHILANTHROPIA SINCERA

Comportamento altruísta não é um padrão que vemos em Xenofonte e, portanto, seria errado criticar Ciro pela ausência dele. Mas, ainda assim, podemos questionar se a busca incansável pelos próprios interesses não vem às custas de outros valores que Xenofonte considera como muito importantes: justiça, por exemplo, ou benevolência (*philanthropia*). É praticamente autoevidente para um leitor moderno que a busca interesseira incansável implica a falta de preocupação com o bem-estar alheio e, portanto, que a *philanthropia* interesseira de Ciro não é sincera. Azoulay³⁹ comenta: “*La philanthropia est assurément une technè de gouvernement et non une générosité “spontanée et authentique”*”.⁴⁰ Mas será verdade que Xenofonte considera essas duas opções mutuamente excludentes?

Uma coisa que não podemos duvidar: o Ciro de Xenofonte tem, naturalmente, *philanthropia*. Quando Xenofonte descreve a natureza de Ciro pela primeira vez, ele lista uma característica física, a beleza, e três características de sua alma, *philotimia*, *philomatheia* e *philanthropia* (“amor aos seres humanos”) (1.2.1).⁴¹ Não há justificativa para ignorar essa afirmação explícita, que dá o tom para todo o livro de que *philanthropia* era uma parte inerente à natureza de Ciro.

No final da *Ciropédia*, Xenofonte volta ao tema do por que *philanthropia* é um traço de caráter importante para um líder político:

Em primeiro lugar, ele continuamente fez a benevolência de sua alma ser visível tanto quanto ele pode, pois ele acreditava que assim como não é fácil amar aqueles que parecem nos odiar ou querer bem a quem nos quer mal, assim também aqueles conhecidos como amáveis e bem-intencionados não poderiam odiar aqueles que os amavam (8.2.1).

Ciro certamente fez um esforço para impressionar os outros com sua benevolência e tinha bons e práticos motivos para tal. Mas Xenofonte não diz meramente que Ciro agiu de forma benevolente para com os outros. Ele diz que Ciro lhes mostrou a benevolência de sua alma (*philanthropia tes psuches*). Como ele poderia fazê-lo se não tivesse nenhuma?

Enquanto um leitor moderno pode achar que há algo de mercenário ou degradante nessa demonstração interesseira de virtude, não há nenhum sinal aqui, ou em qualquer outro lugar, de que Xenofonte pensava assim. Ao contrário, ele louva Ciro por mostrar sua *philanthropia* e recomenda essa prática. O fato de Ciro se beneficiar do amor que ele tem das pessoas de forma alguma implica que ele não as ama de fato. Xenofonte, então, atribui a Ciro uma incansável busca interesseira que, de algum modo, coexiste com a preocupação genuína pelo bem alheio. Ele parece ver ambas como motivações psicológicas compatíveis. Em seu discurso para suas tropas, a respeito de Gadatas, Ciro dá uma expressão eloquente a essa ideia:

Agora, então, homens, parece-me que estaremos fazendo algo nobre se, entusiasticamente, ajudarmos Gadatas, um homem que é nosso benfeitor. Também estaremos fazendo o que é justo, ao devolvermos o favor que ele deu. Porém, parece-me que isso também é vantajoso para nós mesmos (5.3.31).

Aqui, Ciro encoraja seus homens a ajudar Gadatas por uma série de motivos. De seu ponto de vista, não há contradição entre agir por uma razão nobre e justa e agir por seu próprio interesse. Por que, então, seria impossível agir tanto com benevolência quanto de modo interesseiro?

Alguém poderia levantar a questão de que, se a aparência da benevolência que é útil, por que Xenofonte insiste em atribuir uma benevolência real a Ciro?⁴² A questão fica ainda mais forte quando observamos que a benevolência está inclusa na lista de qualidades que não são apenas admiráveis, mas também úteis. Isso é óbvio no caso do amor ao conhecimento e do amor à honra e Xenofonte, até mesmo, faz um esforço especial para mostrar como

a beleza de Ciro foi útil para ele em ganhar as tropas de seu tio (4.1.22).⁴³ O fato de Xenofonte listar *philanthropia* como uma das características notáveis em Ciro (1.2.1; cf. 8.2.1, 8.7.25 e 8.4.7-8) implica que ela também é útil para ele em promover seu avanço político. Mas por que a benevolência genuína é necessária? Será que uma pretensa benevolência não seria suficiente?

Xenofonte não lida diretamente com essa pergunta. Mas, se levarmos em conta o que ele fala sobre as virtudes, podemos facilmente ver o que ele diria. Xenofonte, frequentemente, enfatiza a importância de uma boa aparência. Se um líder parece ser virtuoso e sábio, as pessoas não de querer segui-lo. (*Mem.* 3.3.9; *Cyr.* 1.6.22, 3.1.20). Qual é a melhor forma de passar essa impressão? Xenofonte, consistentemente, afirma que a melhor forma de parecer ser virtuoso é, de fato, ser virtuoso (*Mem.* 2.6.36-39, 3.3.9-10, 3.6; *Cyr.* 1.6.22-23). Por analogia, a melhor forma de dar a impressão de que alguém se importa com os outros é, efetivamente, importar-se com eles.⁴⁴ Alguém pode argumentar que é possível conseguir algo pelo mero fingimento, mas a benevolência genuína é mais efetiva. Ciro foi abençoado, desde o nascimento, com um sincero amor pela humanidade e isso, junto a outras características, permitem que ele ultrapasse os demais em generosidade e, como resultado, ganhe mais seguidores do que qualquer outro homem.

CONFLITO DE INTERESSES?

Se substituirmos justiça por benevolência, Morrison (2008) elabora um argumento similar, baseado em premissas completamente diferentes. Baseando-se no material socrático da *Memorabilia*, ele argumenta que Sócrates acreditava que os homens são motivados por dois impulsos contrários simultaneamente. De acordo com o Sócrates de Xenofonte, *todas* as ações são feitas de acordo com o interesse próprio (*Memorabilia* 3.9.4).⁴⁵ Mas, ao mesmo tempo, todos sempre fazem o que lhes parece ser justo (4.6.6). Juntando tudo, isso implica que todos sempre agem por interesse próprio e justiça simultaneamente.⁴⁶

Como uma proposição puramente psicológica, essa tese não encontra nenhuma dificuldade. Tudo que ela requer é que todas as pessoas identifiquem seu interesse próprio com o que lhes parece justo. Enquanto admitirmos que os indivíduos podem estar iludidos quanto a um ou outro, não há nenhuma dificuldade em supor que os dois motivos sejam compatíveis: as pessoas podem assumir que qualquer coisa que elas queiram é justa. Obviamente, isso não vai prevenir que eles não se choquem um com o outro no dia a dia.

Contudo, e os que não se iludiram? Eles podem somente buscar a justiça e o interesse próprio se nenhum conflito realmente existir. Isso significa que eles nunca devem frear sua busca interesseira por preocupação com os direitos dos outros. Xenofonte afirma uma tese ainda mais forte – a compatibilidade da beneficência (fazer bem aos outros), e não somente justiça, com o interesse próprio. Essa é uma tese mais forte, porque alguém envolvido com a beneficência deve evitar causar mal aos outros, mesmo um mal justificado – embora, para os gregos, a quem justiça e beneficência estão sempre estreitamente relacionadas, a diferença não é muito grande.

De forma compreensível, comentadores da *Ciropédia* não operam com a presunção de que esses conflitos não existem. Por isso, muitos deles não descrevem a carreira de Ciro como uma série de atos justos ou benevolentes. Mesmo Tatum,⁴⁷ que nunca diz que há qualquer coisa errada com a busca interesseira de Ciro, diz que ele atinge seus objetivos “às custas das outras pessoas ao invés de si próprio”.⁴⁸ Em si mesmo, isso não implica uma crítica, uma vez que o mundo pode ser visto como um lugar de competição no qual a busca de vantagem própria às custas dos outros é um empreendimento legítimo e próprio. Isso não necessariamente implica que Ciro comete injustiça: ele pode estar sendo justo ao causar danos aos outros. Mas implica um conflito entre o interesse próprio e os interesses dos outros, e esse conflito pode fazer da benevolência algo problemático.

Em que medida os interesses estão em conflito? Enquanto Xenofonte nunca tenta mostrar que não é possível que haja

nenhum conflito genuíno, ele mostra que muitos dos conflitos comuns podem ser evitados. Ser um líder ideal, representado por Ciro, é poder, quase que sempre, ajudar os outros enquanto ajuda a si próprio.⁴⁹ Xenofonte diz que para Ciro:

As funções de um bom pastor e de um bom rei são similares, pois ele disse que tanto como os pastores devem tratar seu rebanho de modo a fazê-lo feliz (na felicidade de uma ovelha, claro), o rei deve similarmente tratar as cidades e as pessoas de modo a fazê-las felizes⁵⁰ (8.2.14).

Isso é, de fato, o que Ciro geralmente faz. Mas existem ocasiões em que Ciro parece causar dano aos outros. No mínimo, ele tira coisas boas de alguns de seus amigos e aliados, bem como de seus inimigos. Isso não contradiz a benevolência sincera, uma vez que o amor sincero dos outros é, sem dúvida, compatível com um amor maior de si próprio.⁵¹ Mas pode mostrar um conflito de interesses no qual Ciro resolve colocar o seu interesse próprio à frente dos outros.

Para entendermos o motivo de não ser assim, precisamos lembrar que tirar coisas boas dos outros não é o mesmo do que causar um dano a eles. Isso era um lugar-comum na filosofia grega. Como Aristóteles diz, nem toda coisa boa é boa para todos, e ao invés de rezar para ter coisas boas, a pessoa deve rezar para que as coisas sejam boas para si. (*Ética a Nicômaco* 5.1.9). Como Platão diz, a mesma carne não é boa para nós e para Polidamas (*República* 338c). Quando uma coisa não é boa para alguém, tirar isso dessa pessoa pode ser interesse de todos (cf. *República* 331c, 332a-b; *Memorabilia* 4.2.17). Na *Ciropédia*, Xenofonte fornece uma anedota que expressa essa ideia perfeitamente: a anedota dos grandes e pequenos garotos. Como um juiz, Ciro aprovou as ações de um garoto grande, que pegou a túnica grande de um garoto pequeno e deu a sua própria túnica, que era menor (1.3.17). Enquanto a interpretação do episódio pode estar aberta ao debate, ela nos dá uma clara ilustração das diferenças naturais entre as pessoas e as implicações da justiça distributiva. Em particular, ela mostra que, às vezes, é melhor que alguém ganhe menos do que deseja. Tal

como Ciro explica em sua decisão: “[E]ra melhor para ambos que cada um tivesse uma túnica que coubesse” (1.3.17). Enquanto seu professor, de fato, discorda do meio usado para efetuar a troca, Ciro não objeta a esse ponto óbvio. Uma túnica menor é preferível a uma túnica maior para um garoto pequeno, mesmo se o garoto pequeno não reconheça isso, pois “uma túnica grande não irá caber propriamente”.

Essa imagem serve como uma chave para entender os atos posteriores de redistribuição que Ciro faz. Ele, frequentemente, priva indivíduos e grupos mais privilegiados de seus privilégios excessivos. Ele demove Sacas, ao menos temporariamente, da corte de seu avô; ele elimina privilégios das classes superiores na Pérsia; ele restringe a liberdade e a independência do rei armênio. Com a exceção parcial do primeiro caso,⁵² as redistribuições são justas e vantajosas para todos os envolvidos.

A perda de privilégios das classes persas superiores significa uma competição genuína entre todos os membros da sociedade, um maior grau de justiça e benefício na distribuição de bens e cargos e a transformação de homens simples em poderosos e úteis aliados. A subjugação do rei da Armênia é mais generosa do que o tratamento que ele merece (morte) e traz-lhe mais benefícios do que sua liberdade poderia dar, como ele mesmo reconhece (3.2.15-16). Tal como o escravo natural de Aristóteles, ele está melhor sob o domínio de outro. O tratamento de Ciro ao rei da Armênia traz benefícios ao rei, ao povo da Armênia e da Caldeia, ao seu tio Ciaxares e, claro, ao próprio Ciro. Esse é o modelo de um bom governo político.

EU E MEU TIO

O exemplo mais proeminente, complexo e problemático da privação que Ciro faz das coisas boas a um amigo é o tratamento dado a seu tio, Ciaxares. Nadon (2001) nos oferece o esforço mais detalhado para retratar esse episódio sob uma luz negativa.⁵³ Ele defende que o argumento inicial de Ciaxares contra uma segunda campanha era razoável (p. 89-90); que Ciro, ao

persuadir seu tio a emprestar tropas, engana-o sobre o seu destino último (p. 91); que ele falha em alertar Ciaxares sobre a chegada dos hircanianos (p. 92-93, 98), que ele assume riscos enormes e injustificados com a tropa de seu tio (p. 93); que ele, deliberadamente, interpreta a carta irada de seu tio de forma errada (p. 94); que ele ignora as ordens de seu tio de retornar à cavalaria (p. 95); que ele abandona seu tio em território inimigo (p. 95); que sua oferta de tropas adicionais é ultrajante (p. 95); que a carta que ele envia a seu tio é ultrajante (p. 95-96); que ele se aproveita do desequilíbrio no poder que ele criou (p. 96); e se recusa a obedecer a uma ordem direta (p. 96). Na reconciliação final, Ciro usa de falsidade para persuadir seu tio de sua justiça. Ciaxares fica em silêncio não porque ele reconhece a verdade nas palavras de Ciro, mas sim porque ele ficou desnortado com a audácia das fabricações de Ciro (p. 97). As queixas de Ciaxares contra Ciro por roubar o apreço de seus homens é totalmente justificada, como é confirmada no paralelo entre ele e o rei da Armênia (p. 98-99). Os esforços de Ciro para responder a seu tio não vieram de nenhuma benevolência ou honra, mas somente de seu desejo de evitar um racha que poderia diminuir sua autoridade aos olhos de seus homens (p. 99). A falha de Ciro em responder às acusações de seu tio (diferentemente do silêncio de seu tio em face das explicações de Ciro) mostra que as acusações de seu tio eram justificadas (p. 99). Sua habilidade em se reconciliar com seu tio advém de sua habilidade em enganá-lo e fazê-lo acreditar que suas tropas são leais como sempre foram (p. 99-100).

A interpretação de Nadon contém três pontos fracos. Primeiro, suas alegações individuais são frequentemente implausíveis. Por exemplo, sua sugestão de que Ciaxares fica em silêncio, não por reconhecer a verdade das palavras de Ciro, mas por ter ficado desnortado com a audácia da fabricação de Ciro, é implausível pelas seguintes razões: 1) silêncio não é a única ou mesmo a mais provável resposta para uma fabricação audaciosa; 2) Xenofonte não nos dá nenhum indício de que esse era o motivo do silêncio de Ciaxares; 3) quando Ciaxares recupera sua voz, não

menciona a suposta fabricação; 4) não há nenhuma fabricação audaciosa.⁵⁴

De modo similar, sua alegação de que Ciro ignorou uma ordem para devolver as tropas é infundada, pois Ciaxares nunca deu essa ordem para Ciro (ele apenas ordenou suas próprias tropas a voltarem). Segundo, Nadon confia em suas próprias assunções morais ao julgar Ciro e falha em mostrar que Xenofonte tem as mesmas assunções. Enquanto ele insinua e deixa implícito que as ações de Ciro não são justificadas, ele nunca lida com a questão séria acerca da teoria e da prática da justiça, as quais fariam desse julgamento um julgamento válido. Terceiro, Nardon falha em relacionar o episódio com outros episódios e anedotas que aparecem na *Ciropédia* e nos outros escritos de Xenofonte, os quais poderiam dar uma luz a essa interpretação.

Ao responder o retrato que Nadon fez, pretendo mostrar que Ciro não causa prejuízo a seu tio, mas, na verdade, combina genuína benevolência com a busca de benefício mútuo. Uma vez que a acusação de enganação foi levantada contra Ciro nesse episódio, também vou lidar com essa questão tangencial.

Tal como outras situações que aparecem na *Ciropédia*, o tratamento que Ciro dá a Ciaxares é comparável à anedota dos garotos grandes e pequenos. A relação é mais clara possível quando Ciaxares chega ao campo de Ciro e compara o seu próprio contingente ao do sobrinho:

Quando Ciaxares viu muitos nobres e bons homens (*pollous te kai kalous kai agathous*) seguindo Ciro, enquanto ele estava com um séquito pequeno e de pouco valor (*oligen te kai axian oligou*), isso lhe pareceu algo desonroso e ele foi tomado por um sentimento de luto [...] (5.5.6).

Ele explica para Ciro:

Eu me vejo vindo aqui neste modo indigno e humilhante e vejo que você está presente aqui, magno (*megan*) e magnífico, acompanhado pelo meu próprio séquito, junto a uma força adicional. Eu acho que é duro sentir isso mesmo

nas mãos dos inimigos e muito mais duro, por Zeus, nas mãos daqueles de quem eu menos deveria sentir (5.5.8-9).

Cyaxares está incomodado com a grandeza e magnificência do séquito de Ciro em contraste com a pequena e baixa qualidade do seu. Ele tem menos do que ele tinha, enquanto Ciro tem muito mais. Essa mudança ocorreu por uma troca: são as suas tropas que agora Ciro lidera. Tal como o garoto grande da anedota, Ciro redistribuiu os bens ao tomar do menino pequeno os bens excessivos para si.⁵⁵

Esse episódio é, talvez, o exemplo mais proeminente de troca de túnicas na *Ciropédia* e é razoável considerarmos que a anedota do garoto grande e pequeno foi elaborada, em parte, para iluminar esse episódio. O problema central que ele levanta, ignorado por Nadon e outros, é a questão da justiça ou da adequação da troca. O jovem Ciro acredita que os bens devem ser distribuídos de acordo com o mesmo princípio de adequação e não somente de acordo com quem é o dono. De acordo com Nadon, Ciro ganha um grande poder às custas de seu tio; mas ele não se pergunta qual dos dois merece esse poder. A resposta parece óbvia. Ciro é descrito, do início ao fim, como um governante supremamente competente, benevolente e beneficente para seus homens e não tendo nenhum vício de caráter. Contrastando a ele, Ciaxares é retratado como um líder preguiçoso e incompetente, mais interessado em mulheres e bebidas do que cuidar dos interesses de seus homens ou mesmo dos seus próprios interesses verdadeiros. A justiça proporcional demanda que as posições mais honrosas e exigentes sejam alocadas para os melhores homens, assim como ocorre com considerações utilitárias. Em ambos os casos, Ciro merece as tropas mais do que Ciaxares, isso é o bastante para justificar qualquer passo que ele dá para adquiri-las.

ENGANAÇÃO?

Isso é suficiente para responder às leituras mais “sombrias” de Ciro, que o acusam de agir erradamente com seu tio. O uso da enganação (e mesmo da força) pode ser muito bem justificado na

visão de Xenofonte para alcançar uma redistribuição justa e benéfica. Porém, Xenofonte tem ambições maiores na *Ciropédia*: ele deseja ilustrar um método melhor de atingir a justa redistribuição, uma que evita a força bruta e a mentira.⁵⁶ Isso já é refletido na anedota dos garotos. Enquanto o objetivo do garoto grande pode ser justificado, o método que ele usou não foi o melhor. Um problema foi o uso de força bruta através da autoridade coercitiva. É possível pensar qual alternativa ele tinha. É extremamente difícil persuadir as pessoas a abandonar o seu poder excessivo e suas posses de livre vontade. Geralmente, é necessário um poder coercitivo para conseguir uma redistribuição justa. Se a posse de poder coercitivo é uma pré-condição para executar uma troca desse tipo com sucesso, como então pode alguém que merece (Ciro) fazer tal troca, mas não tem esse poder? Essa é a dificuldade cuja solução Xenofonte ilustra através do seu personagem *Ciro*.

Na visão de Xenofonte, a enganação é claramente justificada quando o objetivo é alcançar uma distribuição mutuamente benéfica contra a vontade de alguém. Enganação é uma das táticas que o pai de *Ciro* recomenda, ele até mesmo conta para seu filho que, em tempos passados, havia um professor que ensinou crianças a usá-la nos amigos por um bom motivo (1.6.31). Embora isso não seja mais publicamente ensinado na Pérsia, o pai de *Ciro* o ensina essa lição na véspera de sua partida.⁵⁷ Presumivelmente, esse conselho é para ser usado em algum ponto da história, mas onde é que ele o usa de forma mais visível do que na enganação de *Ciaxes*? Parece razoável, então, assumir que *Ciro* engana seu tio por um bom propósito, um que Xenofonte calorosamente aprova. No entanto, surpreendentemente, *Ciro* não o faz.

Em vez disso, *Ciro* persuade seu tio a aceitar uma troca ambígua ou não definida, cujo resultado será determinado somente em eventos futuros. *Ciaxes* concorda em deixar *Ciro* recrutar em suas tropas, bem como não coloca nenhum limite no número de soldados ou na duração de seu serviço. Ele não teria concordado com isso se soubesse que, virtualmente, toda a sua tropa iria se

alistar com Ciro. Ciaxares não fica ciente do número de tropas que se alistou até que a ação já foi feita. Essa falta de ciência é dramatizada quando ele vai para a farra (assim como servos do acampamento) na mesma hora que a troca fatal está acontecendo (4.5.8). Uma vez que a troca está completa, Ciro possui o poder coercitivo para evitar a destroca. Esse método de troca é necessário nesse caso, pois Ciaxares jamais concordaria com a perda de quase toda a sua tropa e sua posse das tropas faria ser impossível as tomar à força.⁵⁸ Mas isso não envolve enganação.⁵⁹

SEGURANDO INFORMAÇÃO?

Ciro pode ser culpado de uma forma leve de enganação, porém, se ele escondeu um plano secreto que ele sabia que iria resultar no recrutamento de quase todas as tropas de seu tio, é verdade que ele não conta para seu tio tudo que ele tem em mente. No entanto, é interessante que não parece que ele tinha nenhum plano seguro com relação ao recrutamento. Seu sucesso em recrutar pode ser atribuído a três fatores distintos: um é o sério esforço que ele colocou usando, por exemplo, um admirador antigo para esse propósito (4.2.22-23); outro é a sua reputação e carisma: os soldados tiveram experiência com sua liderança e com a liderança de Ciaxares e são capazes de reconhecer a diferença entre os dois. Assim como disse o pai de Ciro, a melhor forma de ganhar a obediência é convencer os outros que está no interesse deles te seguir (1.6.21; cf. *Memorabilia* 3.9.11). Nada ilustra melhor esse princípio do que a decisão das tropas de Ciaxares de segui-lo na operação que ele sugere.

Contudo, estes não são os únicos fatores em jogo e parece que, por si só, eles não levaram Ciro a atingir o resultado fantástico que ele atingiu. Outros fatores, para além do controle de Ciro, contribuíram para o resultado: “mas quando eles viram os hircanianos... muitos também vieram para conseguir alguma coisa” (4.2.10). Ao que parece, sem esse motivo, Ciro não teria recrutado esses membros da tropa de seu tio e, portanto, não teria recrutado o número que recrutou.⁶⁰

Mesmo se Ciro tivesse um plano secreto que ele sabia que seria bem-sucedido em recrutar todo o número da tropa de seu tio, eu não vejo razão em acreditar que Xenofonte consideraria que Ciro estaria fazendo qualquer coisa de errado em não discutir com seu tio. Pelo contrário, uma vez que essa discussão poderia resultar em uma redução da medida de sucesso mútuo, seria presumidamente errado ter essa discussão. Porém, Xenofonte prefere mostrar que Ciro sequer tinha um plano como esse. Ele não sabia o quanto Ciro teria sucesso, uma vez que ele não sabia que os hircanianos chegariam naquele momento. Isso mostra não apenas que ele não enganou seu tio ao pegar toda sua tropa, mas também que um pouco de sorte é muito útil, para não dizer indispensável em questões militares.

MUDANÇA DE PLANO?

Quando Ciaxares recusa a oferta de continuar a campanha, Ciro não tenta persuadi-lo a mudar de ideia – presumivelmente por acreditar que seu tio não poderia ser persuadido (cf. 4.1.14-18). Mais provável, também, ele prefere não dividir os espólios igualmente com seu tio ou, pelo menos, não a partir de uma posição de igualdade. Ele fala para Ciaxares da seguinte forma:

Contudo, não force ninguém; ao invés disso, me dê aqueles que estão dispostos a seguir.⁶¹ E talvez nós iremos retornar trazendo para você e para cada um desses seus amigos coisas de que vocês irão gostar. Nós não iremos nem mesmo ir atrás do corpo do inimigo, pois como poderíamos o alcançar? Porém, se pegarmos alguma parte destacada do exército ou que foi deixada para trás, iremos trazer de volta para você. Considere que, quando você pediu, nós viajamos uma longa jornada para satisfazê-lo. Então, é justo que você nos gratifique em retorno de modo que nós possamos ir para casa com algo em nossa posse e que não coloquemos o olho em seu tesouro (4.1.19).

Aqui, Ciro apela à fraqueza de seu tio como um líder, seu amor por ganhos, seu medo do perigo, seu senso de justiça ou

reciprocidade, e seu medo de perda financeira. Esses apelos foram bem-sucedidos, pois Ciaxares prefere ser o beneficiário dos esforços de Ciro ao invés de ele mesmo fazer os esforços. Como Azoulay⁶² mostrou, são os que recebem os benefícios, e não os benfeitores, os que normalmente perdem posições de liderança e, corretamente, Ciaxares não fica inicialmente feliz com o resultado, mas esse é o resultado natural de buscar as coisas que são importantes para ele.

Aqui, novamente, a questão da enganação surge. Ciro é cuidadoso em não fazer nenhum compromisso sério que ele será incapaz de cumprir. Ele não promete trazer nada para Ciaxares, muito embora ele o acabe fazendo. O único ponto em que ele falha em cumprir o que disse foi quando ele falou que não iria atrás do corpo central do exército inimigo. Ciro, de fato, persegue e derrota o corpo central do inimigo. Como, então, explicar que ele não o faria? Será que devemos entender que ele estava, deliberadamente, enganando seu tio, prometendo não o perseguir, enquanto ele tinha a intenção de o fazer? Nadon sugere que sim: “Ainda assim, enquanto ele falou com algum amargor para seus capitães de como a falta da cavalaria persa o impede de perseguir a força central assíria, ele garante a Ciaxares que, se ele emprestar alguns membros da cavalaria, eles certamente não irão atrás do corpo central do inimigo, mas somente de alguns retardatários” (4.1.11). Mais ainda, Ciro não faz nenhuma promessa incondicional de que ele não irá atrás do corpo central do inimigo. Ele diz que não irá persegui-los, porque seria impossível. Sua afirmação é feita não como uma promessa incondicional a Ciaxares, mas como uma concessão às circunstâncias existentes. Se as circunstâncias assim permitirem, as palavras de Ciro, na verdade, implicam que ele iria considerar a possibilidade de o fazer. Ciaxares não objeta nem insiste para que Ciro não vá atrás dos inimigos nesse caso.

Circunstâncias imprevisíveis, de fato, surgem de modo que fazem a perseguição mais factível do que Ciro tinha pensado. A chegada providencial dos hircanianos muda a situação completamente, pois eles alegam que é possível tomar o

acampamento dos assírios rapidamente e, assim, eliminam o obstáculo que ele mencionou para seu tio (4.2.4-6). Sem os hircanianos, Ciro não conseguiria perseguir o inimigo; conseqüentemente, ele não o faria e as conquistas não teriam acontecido. Quando Ciro estava falando com seu tio, ele não tinha meios de saber que essas tropas chegariam. O momento da chegada – depois da discussão com Ciaxares, mas antes das tropas da Média se reunirem⁶³ – parece ter sido construído para mostrar que a perseguição do corpo central do acampamento assírio é uma mudança de planos. No entanto, isso significa que quando Ciro falou com Ciaxares, foi verdadeiro, mesmo nesse ponto. O máximo que se pode dizer é que Ciro deveria ter pedido permissão para os novos planos, mas ele não tinha nenhuma boa razão para acreditar que seu tio concordaria com isso.⁶⁴ Aqui, chegamos no princípio moral/político de Xenofonte: um líder militar competente pode, unilateralmente, alterar um plano que foi acordado, quando as circunstâncias no campo se mostram favoráveis, de modo a poder atingir um ato de benefício mútuo, mesmo se o outro lado do acordo provavelmente não concordasse.

O fato do sucesso de Ciro depender, parcialmente, da sorte, em vez de somente da sua própria força,⁶⁵ reflete uma convicção que aparece de forma não infrequente em Xenofonte, a de que a sorte tem um papel significativo nos eventos políticos e que nem tudo está sob o controle do indivíduo.⁶⁶ A intervenção da sorte permite que Ciro ganhe controle das forças de seu tio sem ser forçado a fazer um embuste. Embora a enganação seja inerentemente permissível, precisamente nestas circunstâncias, em que um amigo pode se beneficiar em ser enganado, o pai de Ciro deixou claro que existem bons motivos para evitá-la de toda forma, se possível. Se a sorte tivesse sido adversa, Ciro teria sido forçado a agir de maneira diferente e, como resultado, ele não teria atingido o pináculo do sucesso.

FALTA DE CONSIDERAÇÃO

Pode aparentar, contudo, que enquanto evita uma culpa, Ciro mostra uma falta de consideração com seu tio. Certamente, ele não se preocupa em garantir que seu tio esteja satisfeito com cada fase da ação. Ciro não limita, voluntariamente, o esforço de recrutar, ele não informa Ciaxares de toda a extensão de seu recrutamento. Ele não volta para seu tio e diz: “[V]ocê tem certeza de que deseja manter o acordo, considerando que, virtualmente, toda a sua tropa se uniu a mim?”. Nem ele pergunta e, à luz do aparecimento dos hircanianos, se seu tio não deseja se unir a ele na campanha. Qualquer uma dessas opções iria colocar a campanha em risco e causar danos a Ciro de algum outro modo. Então, parece claro que Ciro está disposto a causar algum dano ao seu tio em nome de seus planos militares.

Certamente, devemos reconhecer que esse não é seu objetivo. Ciro não age por inveja nem deseja causar danos ao seu tio. Mesmo quando jovem, Ciro nunca teve inveja (cf. 1.4.4; 1.4.14). Na pior das hipóteses, a dor que ele causa ao seu tio é o efeito colateral de sua busca em benefício próprio. Como veremos, essa busca não implica uma perda para seu tio e a dor que ele causa é temporária. As ambições de Ciro são muito maiores do que ficar acima de Ciaxares, e ele se mostrará contente em deixar para seu tio tudo que ele tinha antes e mais. Ele não precisa das posses moderadas de seu tio, tudo de que ele precisa é de um empréstimo temporário para adquirir propriedades muito mais extensas de seus inimigos. Ele não precisa alienar as tropas de Ciaxares, mesmo temporariamente, a não ser que seja a única forma de conseguir usá-las. Seria suficiente para seus propósitos se o seu tio tivesse concordado desde o início em continuar a campanha contra os assírios (4.1.12; cf. 5.5.19-20).⁶⁷ Contudo, uma vez que ele recuse, Ciro não tem escolha a não ser buscar outros métodos se ele deseja continuar. Pedir a ele uma segunda vez seria arriscar terminar a campanha. Aqui, estamos diante de um segundo princípio moral/político de Xenofonte: uma pessoa não deve mostrar nenhuma consideração especial aos outros quando essa consideração especial irá resultar em prejuízo ou dano mútuo. Isso

significa que uma pessoa pode ofender outra quando isso for necessário para atingir objetivos mutuamente benéficos.

Ciaxes, claro, não compreende esse princípio nem a relevância para sua própria situação. Quando ele entende a extensão de seu abandono, escreve uma carta raivosa exigindo que as tropas retornem:

Eu não achei que você, Ciro, iria deliberar sobre mim com tamanha falta de consideração⁶⁸ ou, se esse é o julgamento de Ciro, que vocês, medos, estariam dispostos a me deixar sozinho. Agora, quer Ciro deseje ou não, venham para cá o mais rápido possível (4.5.10).

Xenofonte nos diz que a carta que ele, de fato, enviou contém outras ameaças adicionais e o propósito dela foi tirar Ciro de suas tropas (4.5.12). Mas, enquanto Ciaxes se mostra com raiva de Ciro, ele não o acusa de enganá-lo ou de quebrar sua promessa, dizendo apenas que seu sobrinho agiu sem consideração ou precaução. Eu traduzi o termo *apronoetos* como “falta de consideração”, em vez de “imprudência”,⁶⁹ pois, na boca de Ciaxes, essa é a conotação proeminente. Enquanto tudo o que Ciro fez estava dentro dos acordos, o resultado é altamente ofensivo no momento. Podemos, claro, discordar da opinião de que Ciro deveria ter tido mais consideração, contudo a abordagem de Xenofonte é mais interessante. Ao usar o termo ambíguo *apronoetos*, Xenofonte ilustra o ponto central do episódio. Embora Ciaxes esteja criticando Ciro pela falta de consideração, a palavra que ele usa se refere, primariamente, à prudência, exatamente a qualidade que Ciro mostrou ter. Ciro, talvez, tenha mostrado uma falta de consideração aos desejos tolos e de curto prazo de Ciaxes, mas mostrou consideração e prudência genuínas para os interesses de longo prazo de seu tio. Ciaxes, por sua vez, não mostra nem consideração nem prudência, seja para ele mesmo, seja para seu sobrinho.

QUEM VIOLOU O QUÊ?

Na passagem citada anteriormente, Ciaxares não acusa Ciro de tê-lo enganado ou violado nenhum acordo, nem acusa suas próprias tropas de tê-lo feito, uma vez que ele sabe que nenhuma dessas acusações seriam válidas. Em vez disso, ele se limita a expressar raiva e descrença, e dá uma nova ordem às suas tropas. Sua raiva e descrença podem ser explicadas pela perda temporária de recursos que ele não merecia em primeiro lugar e, portanto, como uma expressão de um desejo injusto. No entanto, embora com raiva de Ciro e de suas próprias tropas, ele é inteligente o suficiente para reconhecer que seu conflito real é com suas próprias tropas, que o abandonaram por um líder melhor, não com Ciro. Em vez de pedir a Ciro que devolva suas tropas, ele pede que suas tropas abandonem Ciro. Quando Ciro, mais tarde, retrata o conflito como um conflito entre Ciaxares e suas tropas (4.5.21), ao invés de um conflito entre seu tio e ele, Ciro está apenas seguindo Ciaxares e fazendo-o corretamente.

Enquanto Ciro não violou nenhum acordo com Ciaxares, ou o tratou mal, Ciaxares se comportou mal para com Ciro e as tropas. Afinal, ele deu permissão a Ciro de recrutar suas tropas e deu aos soldados de suas tropas a permissão de serem recrutados, não colocando nenhum limite em seu número ou na duração do serviço. Mesmo se ele acreditasse que Ciro tinha se comprometido que não iria atrás do corpo central do exército inimigo, ele não tinha como saber que Ciro tinha, de fato, feito isso. Que direito ele tinha em exigir o retorno suas tropas? Ao fazer isso, ele não somente viola sua própria palavra dada a Ciro e às suas tropas, mas também coloca em risco os interesses mútuos de todos os envolvidos. Se Ciaxares desconsidera seus acordos e ameaça os seus interesses mútuos desse modo, será que Ciro está obrigado a cumprir sua parte no acordo e agir conforme os interesses de seu tio? Embora Ciro continue agindo em favor dos interesses de seu tio, isso é mais atribuível a *philanthropia* que ele tinha do que a qualquer obrigação remanescente.

A INTERPRETAÇÃO CARITATIVA

Se a anedota dos garotos é aplicável, Ciaxares ganha com sua perda de poder e autoridade excessivos, assim como o garoto pequeno ganha com sua perda do excesso de roupa. É certamente possível argumentar, com boas bases xenofontianas, que esse é o caso.⁷⁰ Como Xenofonte às vezes diz, mesmo ser um escravo pode ser benéfico (*Oeconomicus* 1.23). Certamente, ser um líder político pode ser desastroso para o incompetente. Isso é mais óbvio no caso do rei da Assíria, cuja incompetência para reinar o faz uma presa fácil para Ciro. Ciaxares também comete erros de julgamento sérios, o que é um bom presságio para seu sucesso como um líder independente (2.1.1-10; 2.4.8, 12; 3.3.30, 46). A subordinação a Ciro traz numerosos benefícios: salvação da ameaça assíria, proteção para toda a vida de todas as outras ameaças ao seu reino - tanto externas como internas -, a manutenção de uma vida tranquila e luxuosa e mais honra do que ele merece. Ele pode ser adicionado à lista dos que seriam melhores se fizessem o papel de mulher.⁷¹

Ao ganhar a supremacia para seu tio, então, Ciro está fazendo um ato tanto justo quanto benéfico. Ele, talvez, não beneficie seu tio tanto quanto poderia fazer: privando-o completamente de sua liberdade para se esbanjar em uma vida luxuosa seria, provavelmente, ainda mais benéfico. Mas Ciro dá um benefício significativo. Seus esforços para beneficiar seu tio podem ser observados ao longo de sua relação, incluindo o episódio que estamos considerando. Beneficiar seu tio não significa fazer o que seu tio pede, uma vez que seu tio não sabe onde estão seus verdadeiros interesses. Como Sócrates fala, não é justo (pois não é benéfico) devolver a arma ou outra posse para um lunático (Platão, *República* 331c, 332a-b) ou para alguém que possa causar dano com ela (*Memorabilia* 4.2.17). O interesse de Ciro e de suas tropas em continuar a campanha é suficientemente claro. De fato, é interesse de todo mundo que as tropas fiquem com Ciro, pois ele pode fazer um melhor uso das tropas do que seu tio jamais poderia. Ciaxares mesmo reconhece (5.5.3-4) que as tropas são danosas a ele quando elas estão consigo, mas, se elas ficarem

com Ciro, ele ganha substancialmente com isso. Nesse exemplo, o retorno das tropas seria particularmente danoso: ao ordenar suas tropas para retornar, Ciaxares arrisca a precipitar-se num duro confronto, tal como Ciro indica numa conversa posterior (5.5.11-12; cf. 4.5.19; 4.5.9). Se ele não está induzindo uma revolta escancarada, no mínimo esse encontro iria diminuir o respeito de suas tropas por seu rei e criar uma situação de contínua tensão e insatisfação na Média.

Contudo, Ciro concede benefícios adicionais para Ciaxares, além de manter suas tropas. As próprias palavras que Ciro usa para privar seu tio de sua autoridade são, elas mesmas, um ato de bondade e benevolência. O benefício consiste não somente em despi-lo de uma autoridade excessivamente danosa, mas também de permitir que ele possa manter mais autoridade e prestígio do que merece e mais do que conseguiria ter sozinho.⁷² A seguir, as palavras públicas de Ciro para as tropas ao receber a carta de seu tio:

Mas eu não me surpreendo nem um pouco, mensageiro e homens da Média, se Ciaxares, tendo visto tantos inimigos e sem saber como estamos, tem apreensão tanto com relação a nós como a si próprio. Contudo, quando ele vir que muitos dos inimigos foram destruídos e todos foram afugentados, ele irá primeiramente parar de ter medo e, então, irá reconhecer que agora não está sozinho, pois seus amigos estão destruindo seus inimigos. Porém, como nós merecemos culpa, nós que estamos beneficiando-o e sequer estamos fazendo isso por iniciativa própria? Pois eu o persuadi para que me deixasse trazer vocês, e vocês, diferente de homens que podem ter desejado essa expedição, não pediram para partir e vir até aqui. De fato, vocês – todos aqueles entre vocês que não estavam aborrecidos em assim fazer – vieram somente após terem sido ordenados a fazer isso por ele.⁷³ Sua ira, eu sei claramente, será abrandada por esses sucessos e irá desaparecer com o cessar de seu medo. Então, descanse agora, mensageiro, pois você também trabalhou. E, persas, visto que vocês estão esperando que os inimigos estejam presentes, seja para batalhar ou para obedecer, vamos nos preparar de forma mais nobre quanto possível, pois é mais provável, se formos vistos dessa forma, que consigamos

realizar o que queremos. Você, governante dos hircanianos, ordene os líderes de seus soldados a armar as tropas e esperem aqui (4.5-20-22).

A deliberada má interpretação que Ciro dá a carta de seu tio é largamente vista como um ato designado a encorajar as tropas a desobedecer às ordens de Ciaxares de modo vantajoso para si próprio e desvantajoso para Ciaxares. Nós já argumentamos que Ciro manter as tropas é uma vantagem mútua, como Ciro mesmo coloca. Notamos, mais ainda, que ele não ordena as tropas a ignorar o comando de Ciaxares, nem viola nenhuma regra dada a si mesmo. Ciaxares não tem nenhuma autoridade a dar ordens a Ciro, e assim não o faz.⁷⁴ Ele conclui a carta, enviada a seu tio (cf. a seguir), dizendo que irá retornar para Ciaxares, assim que realizar algumas coisas que serão mutuamente benéficas, presumivelmente, referindo-se às operações militares. Pode aparentar que, ao dizer isso, Ciro está violando as ordens ou desejos de seu tio em relação às tropas. Porém, na verdade, essa afirmação não se refere às tropas de seu tio. Embora Ciro tenha dado uma diretiva ao mensageiro dos persas e ao governante dos hircanianos, ele não deu nenhuma diretiva aos homens da Média. Ciro é cuidadoso em não pedir que os homens da Média fiquem com ele. Mais tarde, ele inclusive os libera de qualquer obrigação de fazê-lo, prometendo recompensar não somente os que permanecerem, mas também os que retornarem a Ciaxares (5.1.19-23), assim fazendo que seja mais fácil para os soldados irem embora, caso desejarem.

Na mesma medida, Ciro não ordena aos medos que retornem a seu rei, mas os deixa livres para tomarem suas próprias decisões. Sem dúvida, ele encoraja as tropas a permanecer com ele, apesar de os desejos explícitos de seu tio, ao argumentar falsamente que a ira de Ciaxares advém de sua preocupação com o bem-estar de suas tropas. Em vez de mostrar preocupação com o bem-estar de suas tropas, Ciaxares vai dizer, posteriormente, que ele está incomodado com o seu sucesso (5.5.27). No entanto, essa enganação claramente serve a um bom propósito, já que, como argumentamos, a permanência das tropas na mão de Ciro é do interesse de todos. Suas palavras também servem para promover o

interesse de seu tio de outra forma também: se seu objetivo fosse meramente ficar com as tropas em nome do benefício mútuo que advém da conquista militar, Ciro poderia simplesmente argumentar que Ciaxares quebrou suas promessas, perdeu a razão e não merece consideração – e ele estaria justificado em fazer isso. Enquanto isso seria benéfico para Ciro, por outro lado, iria contra os interesses de seu tio e Ciro ainda está motivado pela *philanthropia*. Portanto, ele toma o caminho oposto. Ele encoraja as tropas a ficar com Ciaxares ao atribuí-lo preocupações razoáveis e honradas, em particular a preocupação com o bem-estar de suas tropas. Essa não é a verdade e Ciro pode muito bem achar que não é, embora ele não tenha realmente como saber. Ao descrever Ciaxares dessa forma, Ciro trama manter e aumentar a honra e a autoridade de seu tio aos olhos de suas tropas ao mesmo tempo que as retém.

Ciro foi acusado de seduzir as tropas de seu tio.⁷⁵ Mas essa sedução pode ser comparada com a sedução de uma mulher maltratada cujo marido a destratou. Em vez de buscar o término do relacionamento ou roubar a mulher, Ciro almeja permitir que o casal se reúna num relacionamento mais harmonioso. Assim como Sócrates, ele é uma espécie de intermediário ou cafetão, defendendo Ciaxares diante das tropas e defendendo a si próprio e as tropas diante de Ciaxares. Ao fazer essa reconciliação, ele serve ao interesse de todos os envolvidos, inclusive a ele mesmo. Acima de tudo, o episódio nos ensina que a consideração verdadeira consiste em atingir resultados que são mutuamente benéficos, ao invés de honrar demandas não razoáveis daqueles que são incapazes de tomar tais decisões.

BOM CONSELHO

Ciro também ajuda seu tio com um bom conselho. A carta que ele envia (4.5.27-33 e cf. também suas palavras na reconciliação em 5.5.6-36) nos dão uma perspectiva útil ao comportamento de Ciaxares como líder. Ciro lembra seu tio das muitas boas ações que ele fez em seu nome e a falta de

reciprocidade da parte dele. Ele responde à acusação de Ciaxares de que Ciro o abandonou, informando-o de sua vitória recente sobre o inimigo comum e argumentando que essa realização é uma marca de amizade. Ele reclama do desejo de seu tio de chamar de volta as tropas, lembrando que ele trouxe muitas tropas para a defesa de seu tio e não lhe pediu para recrutar tropas persas, como ele fizera com as tropas medas, mas somente trouxe tantas quanto pôde (4.5.29). Ele descreve o pobre tratamento que recebeu das mãos de Ciaxares, o que paga qualquer débito que possa ter com ele, mas diz que continuará buscando os interesses de seu tio de qualquer forma. Ciro informa a Ciaxares de que havia pedido à Pérsia mais tropas, as quais colocará à disposição de seu tio. Enquanto isso pode servir para contrabalançar as tropas que seguiram Ciro, trata-se um empréstimo generoso que Ciro não tinha obrigação de fazer. Ele conclui oferecendo a seu tio um conselho acerca do tratamento de suas tropas:

Embora eu seja mais jovem, eu o aconselho a não tirar o que você deu para que a inimizade, ao invés de gratidão, seja devida a você; quando você quiser que alguém venha até você rapidamente, não o chame com ameaças; e quando você declarar que está sozinho, não ameace um número grande de pessoas, a não ser que queira que eles pensem em você como nada. Tentaremos voltar quando realizarmos o que acreditamos que, quando realizado, será mutuamente bom para você e para nós. Adeus (4.5.32-33).

Enquanto isso pode soar como uma reprimenda rude, Ciro clama estar oferecendo um bom conselho. De fato, ele está. Ao invés de iludir seu tio, Ciro oferece um conselho que encapsula a própria atitude que o guiou através de sua própria vida e trouxe sucesso a ele. Se não fosse pelo fato de esse conselho servir ao interesse próprio de Ciro, teríamos pouca dificuldade em reconhecer esse valor. Mas, como dissemos, o fato de que ele serve aos interesses de Ciro não significa que nele há ausência de benevolência ou beneficência. Ciro sugere que somente a idade não traz sabedoria. Ele lembra seu tio da importância de manter a própria palavra e estender o benefício aos outros. Ele indica que a

posição de liderança é uma coisa frágil e que o comportamento de Ciaxares é prejudicial não somente para suas tropas, mas para si próprio, já que ele vai alienar todos os seus amigos. Ele o encoraja a pensar na liderança política não como um direito herdado, mas como uma posição que deve ser ganha. Se Ciaxares tivesse adotado essa perspectiva anteriormente, ele nunca teria enviado uma carta tão inoportuna em primeiro lugar e nunca teria perdido a autoridade de suas tropas.

EU SOU UM PERDEDOR

Além de descrever as ações de Ciro, Xenofonte também faz um retrato contundente da mentalidade de Ciaxares, que fornece a tocante perspectiva do garoto pequeno que perdeu sua túnica maior do que o seu tamanho e ganhou uma que lhe cabe melhor. Como já notamos, a túnica pequena é melhor para um garoto pequeno, então, por que ele deveria ficar infeliz? Enquanto várias respostas podem ser dadas, a descrição que Xenofonte faz de Ciaxares sugere que a razão central é a inveja.

A inveja de Cyaxares é evidente em todo lugar. Em suas reclamações a Ciro, ele diz que está especialmente infeliz que um amigo, ao invés de um inimigo, tomou suas tropas (5.5.9). Anteriormente, Xenofonte reporta que ele estava especialmente com raiva quando soube que os hircanianos se juntaram a Ciro (4.5.12). Em ambos os casos, Ciaxares aparece como que sofrendo não pela própria perda, mas pelo ganho de seu amigo. De acordo com Xenofonte, Sócrates define inveja (*phthonos*) da seguinte forma: “[U]m tipo de dor, não com o sofrimento dos amigos ou com o sucesso dos inimigos, mas aqueles invejosos são os que estão incomodados com o sucesso dos seus amigos” (*Memorabilia* 3.9.8).

Ele acrescenta que essas pessoas são tolas. A afirmação de Ciaxares, a de que ele ficaria menos infeliz se seus inimigos tivessem controle de suas tropas é, de fato, tola. Ele não reflete que se seus inimigos tivessem pegado suas tropas, ele decerto perderia seu reino e, provavelmente, sua vida.

Xenofonte dá a Ciaxares uma oportunidade de expressar sua inveja a Ciro na grande conversa entre os dois no livro V (5.5). A conversa é remanescente de algum dos diálogos socráticos em Xenofonte. Tal como Sócrates costuma fazer, Ciro tenta educar seu tio ao oferecê-lo uma perspectiva melhor e mais prática, instruindo-o a não colocar a culpa de seus sofrimentos em forças externas, mas examinar seu próprio papel em criar a situação em que ele se encontra. O diálogo também remete ao famoso diálogo meliano de Tucídides, que apresenta um confronto entre duas perspectivas conflitantes sobre a justiça: a tradicional e religiosa por um lado e a religiosa e utilitarista por outro. Tal como em outros casos, Xenofonte usa a forma dialógica, a qual permite uma penetração mais profunda nos pensamentos e assunções das figuras em conflito.

Embora manifestamente inferior a Ciro em tudo, Ciaxares ainda assim acredita que ele merece sua posição devido ao seu nascimento (5.5.8) e, à medida que ele pondera sobre isso, até mesmo chega à conclusão que o merece por conta de seus méritos (5.5.34). De qualquer forma, ele acredita que Ciro agiu equivocadamente contra ele. Ciro nem mesmo tenta mostrar a diferença entre o valor de ambos. Em vez disso, ele reduz seu tio ao silêncio, ao recontar as numerosas boas ações que fez para ele, todas elas sem reciprocidade.⁷⁶ A discussão leva a Ciaxares a fazer uma notável descrição de como ele se sentiu a ser privado do que não é merecido pelas mãos de alguém melhor do que ele:

Mas Ciro, eu não sei como alguém poderia dizer que as coisas que você fez são ruins. Mas tenha muita certeza de que elas são boas de tal maneira que, quanto mais numerosas elas aparentam, mais elas me oprimem. Pois eu gostaria de fazer meu país melhor através de meu poder, ao invés de ver o meu poder tão aumentado por você, pois suas ações são nobres para quem você as realiza, mas, de algum modo, as mesmas ações me trazem desonra. E, para as posses e o modo que você está dando para mim, eu acho que seria mais agradável se eu as desse para você do que recebê-las de você dessa forma, pois, ao enriquecer com elas, eu vejo mais ainda o quanto eu fiquei empobrecido. E eu acho que, se eu visse

meus subordinados tratados injustamente por você, ao menos em coisas menores me causaria menos dor do que ver agora que eles experienciaram grandes benefícios em suas mãos (5.5.25-27).

Alguns leitores, simpatizando com a dor de Ciaxares, adotaram a perspectiva que ele expressa e concluem que Ciro é culpado de infligir essa dor nele.⁷⁷ Mas, enquanto Ciaxares merece a simpatia, que é naturalmente sentida pelos que estão sofrendo, isso não implica terem feito algo de errado contra ele, ou que ele tenha sofrido qualquer dano. Enquanto a fala de Ciaxares oferece uma expressão vívida dos pensamentos que atormentam um indivíduo invejoso, ela não justifica seu comportamento.

Em vez de trazer uma condenação de Ciro, o discurso, ironicamente, é uma condenação do próprio Ciaxares. Ele alega que preferia beneficiar a Ciro a receber os benefícios dele. Isso é algo que ele nunca fez antes. Ciaxares nunca tentou beneficiar ninguém, certamente não Ciro. Pelo contrário, ele sempre escolheu ser o recipiente dos benefícios dados pelos outros. Ele preferiu o caminho fácil de relaxar e de ter prazer, nunca mostrando a habilidade ou a inclinação de fazer o trabalho duro necessário para prover coisas boas aos outros (cf. *Memorabilia* 2.1). Por que, então, ele subitamente expressa, hipoteticamente, o desejo de fazer o bem aos outros? Aparentemente, ele não está satisfeito com os resultados de suas políticas. Mas por quê? Se vida fácil e prazer fossem somente as únicas coisas importantes para ele, não deveria ficar incomodado com a circunstância atual, na qual nada lhe foi tomado. Diferente da cigarra proverbial, forçada a comer o pão de sua própria indolência, Ciaxares não está diante de nenhuma perda material. Ele está incomodado, pois agora percebe que o homem não vive somente pelo pão. Ele também ama honra e deseja reter sua honra mesmo enquanto continua a viver uma vida de luxo e prazeres tal como viveu até o momento. Isso não seria possível de acordo com a teoria de liderança de Xenofonte (cf. *e.g. Memorabilia* 2.1). E, ainda assim, no fim das contas, Ciaxares poderá fazê-lo, mas somente graças a Ciro.

Ciaxes parece estar em conflito com esse novo *insight* em sua vida política (“de algum modo”), mas ele nunca atinge a conclusão que se segue de suas observações. Em vez de se culpar ou de começar um novo caminho, ele continua a culpar Ciro, mesmo enquanto ele admite que Ciro somente fez o bem a ele. Ele, paradoxalmente, culpa-o por fazer muito desse bem, reconhecendo que ele mesmo foi reduzido ao estado de uma mulher, que depende do homem para ser bem tratada (5.5.33). Em vez de reconhecer seus próprios erros, Ciaxes continua sendo a mesma pessoa que sempre foi, somente se importando consigo e com suas perdas, mas não com os outros, e vai ao ponto de desejar que suas tropas sofram nas mãos de Ciro (5.5.27). Seu contínuo desejo por seu prazer privativo fica implícito na assunção de que a esposa é a posse mais querida que um homem pode ter (5.5.30; ele diz isso sem pensar para um homem que não tinha mulher e que rejeitou a oferta de uma mulher muito bela por considerações práticas). Para Ciaxes, caráter é destino. Seu reconhecimento intelectual, de que beneficiar outros é mais honroso e útil do que ser beneficiado por eles, não o leva a nenhum arrependimento ou mudança para melhor. Contudo, ele oferece uma prova dramática de seu erro.

Ciaxes não apenas está incomodado em ser o objeto da beneficência de Ciro. Ele também está incomodado porque Ciro foi muito bom para suas tropas. Em uma imagem dolorosa, Ciaxes se compara com um marido traído cuja esposa ama um homem verdadeiramente melhor. Em uma cena que lembra Príamo se humilhante diante de Aquiles, ele é compelido a apelar para o mesmo homem que lhe causou toda essa dor. Mas o quão razoáveis são suas queixas? Elas partem do princípio de que os subordinados são uma propriedade e que é errado para os outros competir por sua lealdade. Tal qual a posse de uma esposa deve ser mantida, não importando o quão mal alguém a trate, também a posse das próprias tropas deve ser mantida, não importa o quão mal alguém as trate. Essa é a perspectiva do garoto pequeno com um grande manto, a perspectiva na qual o direito à posse tem precedência sobre qualquer concepção genuína de justiça

distributiva. Ciro, por outro lado, parece achar que a justiça é mais bem servida quando homens e mulheres são livres para escolher os melhores líderes que eles puderem, no lugar de serem tratados como propriedades pelo vilão local.⁷⁸ Ele permanece comprometido com o tipo de redistribuição que ele aprovou no caso dos garotos muito tempo atrás na Pérsia, ainda que se valha de métodos superiores.

Como Carlier⁷⁹ observou muito bem, as habilidades políticas de Ciro são as habilidades de um sedutor. Nisso, ele lembra tanto Sócrates quanto o sofista que seduziu o filho do rei da Armênia. Os três casos a seguir reforçarão essas conclusões.

Nadon⁸⁰ compara a sedução das tropas de Ciaxares com o caso do sofista comentando que “o dano que Ciaxares recebeu de Ciro é, de certa maneira, muito pior do que o dano que o sofista fez ao armênio”. Assim como o rei fala, o sofista faz Tigranes, seu filho, amá-lo mais do que a ele mesmo (3.1.39) e é inegável que Ciro faz com que as tropas o prefiram a Ciaxares. Mas teria o sofista causado dano ao rei? Embora possa ser difícil imaginar como seduzir um jovem possa ser benéfico ao pai, Xenofonte deixa claro que, nesse caso, foi. De fato, o sofista *salvou a vida do rei* ao seduzir e educar seu filho. Durante o julgamento do rei, Xenofonte comenta que Ciro estava interessado em ouvir as palavras de Tigranes, pois sabia que ele tinha passado um tempo com um homem sábio ou sofista (3.1.14). Isso deixa claro que as palavras de Tigranes, que, no fim das contas, salvam a vida do pai, foram baseadas nos ensinamentos do odiado sofista. Assim, enquanto a sedução do filho do rei, por parte do sofista, pode despertar sentimentos humanos e compreensíveis de ressentimento e raiva, é altamente benéfico para o próprio rei.

De todo modo, será que o rei tinha razão em acabar com o sofista como vingança por seduzir seu filho? Nadon⁸¹ argumenta que o fato de Ciro sugerir ao rei o perdão implica que este tinha razão de algum modo e, portanto, Ciaxares também tinha razão em seu ressentimento contra Ciro. No entanto, não é assim, a defesa de Ciro pelo perdão e a expressão de simpatia pelas emoções do rei não implicam que ele concorde com suas ações.

Ao contrário, perdão, na verdade, implica o reconhecimento de que algo de errado foi feito. Tanto Ciro quanto o próprio sofista (3.1.38, 40) dizem claramente que o rei agiu errado em matar este.

O paralelo entre essa estória e a de Ciaxares é um ponto a favor de Ciro, e não a favor de Ciaxares. Em ambos os casos, um bom homem seduz o subordinado de um homem inferior e, assim, garante benefícios substanciais a este último. Assim como o sofista expressou uma compreensão dos sentimentos do homem inferior, também Ciro expressou simpatia com Ciaxares, inclusive chorando junto a ele (5.5.10). Ciro difere do sofista (e de Sócrates) pelo fato de que não morre nas mãos dos que sentem ressentimento contra ele e, dessa forma, ele é uma melhora comparado a narrativa socrática. Ele aprendeu, desde jovem, a não fazer justiça com as próprias mãos até que tenha o poder de fazê-lo com impunidade (1.3.15-18). Como resultado, Ciaxares nunca tem a oportunidade de matá-lo.

A ideia de que um homem melhor é um melhor sedutor, que a sedução por tal homem é benéfica, mesmo para o marido traído, e de que a oposição à sedução é causada pela inveja é uma lição que Xenofonte, sem dúvida, aprendeu com a vida de Sócrates. O paralelo entre Sócrates e o sofista é bem conhecido.⁸² Assim como Ciro e o sofista, Sócrates foi um sedutor de jovens: ele se gaba de seu conhecimento de agir como um cafetão (*Symposium* 3.10) e é, manifestadamente, capaz de seduzir jovens atraentes (*e.g. Memorabilia* 4.2). Assim como eu já argumentei em outro lugar,⁸³ as acusações contra Sócrates foram, na visão de Xenofonte, as acusações de pais magoados contra alguém que seduziu seus filhos (*cf. Memorabilia* 1.2, *Apologia* 14, 20). Xenofonte não nega que Sócrates fez essas coisas. Por outro lado, ele defende e justifica o fato de os jovens preferirem Sócrates, que merecia o amor e respeito dos jovens mais do que os pais, pois ele era melhor e mais benéfico do que aqueles (*Memorabilia* 1.2.49-54, *Apologia* 17, 20-21). A exigência dos pais de serem amados e respeitados, independentemente de seus deméritos, não é uma exigência legítima. Esses pais são como garotos pequenos que não merecem ter seus lugares privilegiados nos corações de seus filhos.

Se o sofista foi construído como uma imagem de Sócrates, deveríamos esperar que muitos desses detalhes refletissem a vida do filósofo. Deveríamos inferir que Sócrates foi, de algum modo, responsável pela salvação de Atenas através do ensino que ele proveu aos seus alunos.⁸⁴ Deveríamos também inferir que Sócrates, de algum modo, perdoou a iniquidade ateniense contra ele. Mas, do nosso ponto de vista, o paralelo entre esses dois casos reflete, primeiramente, a legitimidade da sedução e a ilegitimidade da inveja. Justificar o ressentimento do rei contra o sofista ou o ressentimento de Ciaxares contra Ciro seria equivalente a justificar o ressentimento do júri ateniense que votou para condenar Sócrates, o que seria a última coisa que Xenofonte gostaria de fazer.⁸⁵

RESTAURANDO A HONRA

Notamos acima algumas das formas com que Ciro beneficia Ciaxares, especialmente seus esforços de impedir que ele perdesse o respeito e lealdade de seus soldados. Essa preocupação por seu tio é enfatizada, acima de tudo, em seu encontro para reconciliação. Em vez de humilhar em público seu parente impotente, Ciro o traz para um canto para uma discussão privada e, nessa discussão, mostra simpatia e chora junto com ele (5.5.10). É verdade que seu pai o ensinou que demonstrações de empatia são úteis para ganhar devoção (1.6.24). Mas Ciro, dificilmente, precisaria da devoção de Ciaxares nesse ponto. Ele poderia desejar uma reconciliação para cimentar a lealdade das tropas medas a si próprio. Mas até mesmo isso, é um motivo comparativamente fraco, já que as tropas se mostraram dispostas a humilhar seu comandante por Ciro. No entanto, mesmo que alguns desses motivos estejam em jogo, não temos motivos para duvidar da sinceridade de Ciro, já que aprendemos que a busca por interesse próprio não contradiz a *philanthropia* sincera. A sinceridade dessa expressão de simpatia é confirmada pela similaridade com sua expressão anterior de compreensão dos sentimentos do pai de Tigranes, por quem ele não tinha nenhum motivo interesseiro

(3.39). Enquanto está buscando a justiça e benefício mútuo, Ciro tem, de todo modo, profunda simpatia por esses garotos pequenos que perdem o que eles, na realidade, não mereciam ter.

Nadon⁸⁶ nota que Ciro não responde às últimas queixas emotivas e infere que elas são irrespondíveis (mas compare o tratamento completamente diferente da falha de Ciaxares em responder Ciro: p. 97). Porém existem formas melhores de explicar o comportamento de Ciro. Ele pode querer ter arrumado uma forma de seu tio manter as aparências ao não forçá-lo a admitir que está completamente errado.⁸⁷ Explicar que as tropas ficaram junto com ele, de livre e espontânea vontade, por exemplo, apesar de sua permissão para que eles voltassem, somente iria aumentar a tristeza de seu tio. Ele pode reconhecer que seu tio não é capaz de adotar uma perspectiva melhor na relação entre ambos no momento em particular, pois ele tem uma visão errada das suas motivações. Buscando sempre um bom resultado, Ciro tenta facilitar uma reconciliação benéfica ao demonstrar que o maior medo de Ciaxares, que ele perca a posição de honra que ele outrora tinha, é infundado.

Em vez de responder seu tio, Ciro pede um pequeno favor dele por todas as coisas boas que ele fez. Pede que seu tio espere e veja se ele alienou as afeições de suas tropas ou não (5.5.35). Esse favor que ele pede, em outras palavras, é uma oportunidade de fazer mais um favor. Ciro deixa seu tio com um beijo e ordena que as tropas de seu tio se coloquem, novamente, sob serviço dele. Sob o conselho dele, eles oferecem presentes voluntários ao seu rei (5.5.37-40). Até onde sabemos, eles nunca fizeram nada parecido. Por que as tropas de Ciaxares estão tão desejosas de honrá-los nessa altura? Parte da resposta é que eles acabaram de ganhar uma batalha. Ao ignorar o desejo de Ciaxares e buscar seus próprios interesses, Ciro colocou sua tropa em uma posição de oferecer a Ciaxares essas honras. Além disso, eles estão felizes em ver sinais de reconciliação entre Ciaxares e Ciro (5.5.37). Aqui é o único caso em que Ciaxares agiu inteligentemente. Ao reconhecer que foi derrotado, aceitar a melhor oferta que está recebendo e se contentar com uma vida que combina prazer com uma larga dose

de honra não merecida, ele foi capaz de manter a boa-vontade de suas tropas. Ele mantém seu reino, pois é capaz de perceber onde realmente estão seus interesses (compare os *homotimoi* que aceitam a bajulação dos simplórios: 2.1.12) e escolher isso, em vez de uma vingança fútil.

Contudo, a principal razão pela qual eles honram Ciaxares é o fato de Ciro ter pedido que eles assim o fizessem (5.5.37-39). Nadon⁸⁸ objeta que a honra que as tropas oferecem é uma honra falsa, derivada da ordem de Ciro. Mas o que Ciro pode fazer com relação a isso? A honra genuína somente é conquistada pelo exercício da virtude. Tendo a experiência da liderança de Ciro, as tropas naturalmente serão incapazes de honrar seu rei acima dele. Será, então, que Ciro deveria não mostrar virtude ao defender dos assírios seu tio, perdendo a batalha, por exemplo, para não causar uma impressão muito boa nas tropas de seu tio? Será que ele deveria ter tratado mal as tropas de seu tio para que eles mantivessem o respeito pelo rei? Será que ele deveria tê-los forçado a voltar para Ciaxares ou ter encorajado, de forma mais incisiva, a fazerem isso mesmo em face das perdas e danos que isso iria acarretar? O fato de que Ciaxares não pode manter sua posição por seus próprios poderes implica que, ou ele irá mantê-la pela graça de alguma outra pessoa, ou não irá manter de forma alguma. Parece perverso culpar Ciro por permitir a primeira opção a ele.

Os benefícios que Ciro dá a Ciaxares são similares as que dá para seu avô e sua mãe na Média. Enquanto distribuía carne aos servos na casa de seu avô, Ciro ofereceu explicações curtas para seu pequeno favor: “Isso é para você, pois você me ensinou a cavalgar com entusiasmo; para você, pois me deu uma lança, por enquanto, é tudo que eu tenho; para você, porque você serviu bem ao meu avô; para você, porque você honrou minha mãe” (1.3.7). Tal como eu argumentei, Ciro deve ser compreendido como, simultaneamente, expressando seus sentimentos e buscando seus próprios interesses. Os primeiros dois comentários são designados a recompensar os servos por servir a Ciro, e os encorajar a continuar servindo. Eles encorajam os servos a vê-lo como a fonte

de benefícios e alguém digno de seus serviços e, assim, servindo aos interesses de Ciro. Os últimos dois comentários, porém, encorajam-nos a servir à sua mãe e ao seu avô. Sem dúvida, essas palavras são a expressão de seu sincero sentimento pelos servos, por sua mãe e por avô. Poderíamos, todavia, esperar que Ciro também ganhasse pessoalmente.

O ganho de Ciro é evidente quando alguém considera o perigo que ele cria ao alienar os sentimentos dos servos de seu avô. Sua mãe e avô podem não apreciar quando eles veem os servos correndo para servir a Ciro enquanto os negligenciam, ficando enciumados tal como Ciaxares. Ao usar sua influência para encorajar os servos a servir sua mãe e avô, Ciro toma medidas para evitar tal sentimento. Em vez de não ficarem satisfeitos com sua crescente influência, eles ficarão felizes com ela. Ao se comportar como um líder benevolente, ele os liberta da necessidade de se engajar com as políticas domésticas enquanto os provê melhores servos do que eles jamais tiveram. Dessa forma, ele se protege contra uma retaliação possível ao seu crescente poder na corte.

Essa é a mesma técnica que ele usa para reconciliar seu tio com sua nova posição. Ele é bem-sucedido, pois, em ambos os casos, as “vítimas” de Ciro conseguem perceber que ele está agindo de acordo com o interesse deles. Porém, enquanto Ciro tem um interesse pessoal claro em reconciliar sua mãe e avô com sua crescente influência, já que ele continua sob o poder deles, seu interesse em reconciliar seu tio é menos urgente. Do ponto de vista prático, Ciro tem muito pouco a ganhar de seu tio, pois ele já tem a lealdade completa de suas tropas. Sua ação em favor de seu tio, ainda mais do que sua ação anterior para com sua mãe e avô, é um testemunho à sinceridade de sua benevolência.

CONCLUSÃO

O fato de Ciaxares não reconhecer, inicialmente, o benefício que recebe pode ser atribuído à sua superestimação de suas próprias habilidades, méritos e merecimentos. Assim como outros garotos pequenos que herdaram grandes mantos, Ciaxares

tem dificuldade em aceitar o fato de que ele precisa de menos do que gostaria, mesmo que isso signifique ficar com mais do que ele merece. Sua virtude é que ele aceita a nova realidade. Como resultado da honra que os medos oferecem a ele, Ciaxares muda sua opinião (5.5.40). Ele está tão contente com sua nova posição que ele irá agora votar a favor de continuar a campanha militar (6.1.19), e dará sua filha e, portanto, o futuro trono da Média para Ciro (8.4.5). Deveríamos protestar em seu nome que, apesar de sua inadequação ao cargo, apesar de manter um cargo que não é merecido, apesar de receber benefícios sem ter os méritos e que apesar de sua satisfação com os resultados, ele foi injustiçado? É difícil achar um princípio em Xenofonte que justifique isso.

Podemos questionar, porém, o motivo de alguns leitores terem concluído que Ciro maltrata Ciaxares e usarem essa conclusão para validar leituras “sombrias” da *Cirópédia*. Presumivelmente, esses leitores não partilham da perspectiva de justiça e benefícios que Xenofonte endossa ao longo de seus escritos. Leitores, naturalmente, simpatizam que aqueles que estão sofrendo, às vezes ignorando que aquelas pessoas podem ser vítimas de seu próprio comportamento errôneo. Alguns leitores, sem dúvida, têm empatia com Ciaxares, talvez compartilhando com ele o medo de serem superados e o desejo de manter um poder e autoridade imerecidos. Outros, olhando profundamente para a própria alma, podem achar difícil de crer que qualquer um, mesmo Ciro, não iria deliberadamente abusar do poder que ele adquiriu. Existem outros que querem mal a qualquer um que é bom e bem-sucedido. Ao rejeitar uma moralidade convencional, baseada no *phthonos*, e mostrando que o interesse próprio é compatível com beneficiar os outros – e, inclusive, ajuda a isso –, Xenofonte traça um caminho original em direção a uma prática racional de liderança política. Ao fazer isso, ele desafia crenças que são tão populares hoje quanto eram em sua época.

ABSTRACT

Critics argue that although he maintains a pretence of benevolence, in reality Cyrus is always relentlessly pursuing his own interest. This, however, is a false dichotomy. For Xenophon, the pursuit of self-interest does not contradict either benevolence or beneficence. On the contrary, benevolence and beneficence contribute to obtaining self-interested ends and therefore the pursuit of self-interest requires them (see *Memorabilia* 3.1.10, *Oeconomicus* 12.15). This is because the most useful possessions are friends, and these are acquired by acts of benevolence. More difficult is the question of conflicts between self-interest and the interests of one's friends and allies. But conflicts between true interests, as opposed to wishes and desires, need not arise often, since different individuals deserve and benefit from different things. This compatibility of interest is illustrated especially by Cyrus' gaining the upper hand over his uncle Cyaxares. Rather than harming him, this development advances both his and Cyrus' interests simultaneously.

KEYWORDS

Classical Antiquity; Xenophon; *Cyropaedia*; Benevolence; Irony; Cyrus.

BIBLIOGRAFIA

- AMBLER, W. **The Education of Cyrus**. Ithaca: Cornell University Press, 2001.
- AZOULAY, V. 'Xénophon, la *Cyropédie* et les eunuques', **Revue française d'histoire des idées politiques** 11, p. 3–26, 2004a.
- _____. **Xénophon et les grâces du pouvoir**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2004b.
- BREEBAART, A.B. 'From Victory to Peace: Some Aspects of Cyrus' state in *Xenophon's Cyropaedia*', **Mnemosyne** 36, p. 117–134, 1983.
- CARLIER, P. L'idée de monarchie impériale dans la *Cyropédie* de Xénophon, **Ktéma** 3, p. 133–163, 1978. (Reimpresso em tradução para o inglês em GRAY, 2010, p. 327–366.)
- DANZIG, G. Xenophon's Wicked Persian or, What's Wrong with Tissaphernes? Xenophon's View on Lying and Breaking Oaths. In: TUPLIN, C.J. (ed.), **Persian Responses: Political and Cultural Interaction with(in) the Achaemenid Empire**. Swansea: The Classical Press of Wales, 2007, p. 27–50.
- _____. Big Boys and Little Boys: Justice and Law in Xenophon's *Cyropaedia* and *Memorabilia*, **Polis**, 26 p. 271–285, 2009.
- _____. **Apologizing for Socrates**. Lanham: Lexington Books, 2010.
- DE ROMILLY, J. **La douceur dans la pensée grecque**. Paris: Les Belles Lettres, 1979.
- DORION, L.-A. L'exégèse straussienne de Xénophon: le cas paradigmatique de *Mémorables* IV 4. In: NARCY, M.; LACKS, A. (edd.). **Figures de Socrate**. Villeneuve-d'Ascq: Presses Universitaires de Septentrion, 2001, p. 87–117.
- _____. La responsabilité de Cyrus dans le déclin de l'empire Perse selon Platon et Xénophon, **Revue française d'histoire des idées politiques**, 16, p. 369–386, 2002.
- DUE, B. **The Cyropaedia**. Aarhus: Aarhus University Press, 1989.
- FARBER, J. The *Cyropaedia* and Hellenistic kingship, **AJP**, 100, p. 497–514, 1979.
- GERA, D. **Xenophon's Cyropaedia**. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- _____. Xenophon's Socrates. In: TRAPP, M. (ed.). **Socrates from Antiquity to the Enlightenment**. Aldershot: Routledge, 2007, p. 33–50.
- GRAY, V. **Xenophon** Oxford Readings in Classical Studies. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- _____. **Xenophon's Mirror of Princes**. Oxford: Oxford University Press, 2011.
- HIGGINS, W.E. **Xenophon the Athenian: the Problem of the Individual and the Society of the Polis**. Albany: State University of New York Press, 1977.
- HIRSCH, S. **The Friendship of the Barbarians**. Hanover; London: Tufts, 1985.

- HUSS, B. 'The Dancing Socrates and the Laughing Xenophon, or the Other *Symposium*', **AJP**, 120, p. 381–410, 1999. (Reimpresso em GRAY, 2010, p. 257–282.)
- JOHNSON, D. Xenophon's Socrates on Justice and the Law, **Ancient Philosophy**, 23, p. 255–281, 2003.
- _____. Persians as Centaurs in Xenophon's *Cyropaedia*, **TAPA**, 135, p. 177–207, 2005.
- LUCCIONI, J. **Les idées politiques et sociales de Xénophon**. Paris: Gap Éditions, 1947.
- MORRISON, D. Xenophon's Socrates on the Just and the Lawful, **Ancient Philosophy**, 15, p. 329–347, 1995.
- _____. Remarques sur la psychologie morale de Xénophon. In: NARCY, M.; TORDESILLAS, A. (edd.). **Xénophon et Socrates**. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 2008, p. 11–27.
- MUELLER-GOLDINGEN, C. **Untersuchungen zu Xenophons Kyrupädie**. Stuttgart: De Gruyter, 1995.
- NADON, C. **Xenophon's Prince: Republic and Empire in the Cyropaedia**. Berkeley: University of California Press, 2001.
- NEWELL, W.R. Tyranny and the Science of Ruling in Xenophon's *Education of Cyrus*, **Journal of Politics**, 45, p. 889–906, 1983.
- PANGLE, T. Socrates in the Context of Xenophon's Political Writings. In: VANDER WAERDT, P.A. (ed.). **The Socratic Movement**. Ithaca: Cornell University Press, 1994, p. 127–150.
- ROSEN, S. **Plato's Republic: a Study**. New Haven: Yale University Press, 2005.
- SAGE, P.W. Dying in Style: Xenophon's Ideal Leader and the End of the *Cyropaedia*, **CJ**, 90, p. 161–174, 1994.
- STADTER, P. Fictional Narrative in the *Cyropaedia*, **AJP**, 112, p. 461–491, 1991.
- TATUM, J. **Xenophon's Imperial Fiction**. Princeton: Princeton University Press, 1989.
- TOO, Y.L. Xenophon's *Cyropaedia*: Disfiguring the Pedagogical State. In: _____.; LIVINGSTONE, N. (edd.). **Pedagogy and Power: Rhetorics of Classical Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998, p. 282–302.
- TUPLIN, C.J. **The Failings of Empire**. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1993.
- _____. Xenophon's *Cyropaedia*: Education and Fiction In: SOMMERSTEIN, A.H.; ATHERTON, C. (edd.) **Education in Greek Fiction**. Bari: Levante, 1997, p. 65–162.
- WEATHERS, W. Xenophon's Political Idealism, **CJ**, 49, p. 317–321; 330, 1953.
- WOOD, N. Xenophon's Theory of Leadership, **C&M**, 25, p. 33–66, 1964.

- ¹ Este artigo foi traduzido com apoio de Israel Science Foundation.
- ² Fico grato em ver que em seu livro recente (GRAY, 2011, esp. 246–290) concorda com muitos dos argumentos que eu apresento neste artigo.
- ³ GERA, 1993, p. 296–299; SAGE, 1994; TOO, 1998; NADON, 2001, p. 87–100; AMBLER, 2001, p. 11–18; JOHNSON, 2005. Cf. PANGLE, 1994, p. 147–150). Talvez, influenciado pelo *Hiero*, Pangle argumenta que Ciro sofra com o seu sucesso uma vez que ele “teve de abandonar ou esquecer o bem de sua alma” (149–150), e que o retrato de Ciro oferece uma prova negativa da superioridade de Sócrates em relação ao ator político mais bem sucedido (150). Nem Due (1989, p. 147–184, p. 207–229), nem Higgins (1977, p. 54–55) oferecem uma leitura irônica, mesmo quando consideramos o final da carreira de Ciro como o governante de um império. Higgins se refere a Ciro como “claramente o melhor homem” (p. 53) e diz que sua vida inteira “representa um ideal de ação” (p. 54). Ao mesmo tempo, ele duvida que Xenofonte acredita a monarquia ser a melhor forma de governo (p. 55), e encontra algum criticismo implícito da crença otimista de Ciro de que seu bom exemplo irá garantir a virtude de seus filhos (p. 57–58: 7.5.86). Ele conclui dizendo que “a realidade resiste a perfeição” (p. 58) o que parece significar que não podemos culpar Ciro pelas deficiências inerentes na natureza.
- ⁴ Mas cf. TUPLIN, 1993, p. 35–36.
- ⁵ GERA, 1993, p. 297.
- ⁶ PANGLE, 1994, p. 149; GERA, 1993, p. 290, 299; TOO, 1998; NADON, 2001, p. 26–60; cf. CARLIER, 1978, p. 138–143.
- ⁷ CARLIER, 1978, p. 160–162; PANGLE, 1994, p. 149; GERA, 1993, p. 286 mas, em contraste, p. 299–300; NADON, 2001, p. 139–146.
- ⁸ CARLIER, 1978, p. 148–160; GERA, 1993, p. 295–300; NADON, 2001, *passim*; JOHNSON, 2005; cf. TAMBÉMTUPLIN, 1993, p. 35–36; 1997, p. 66, 82–95.
- ⁹ CARLIER, 1978, p. 156; GERA, 1993, p. 294–296; NADON, 2001, *passim*. Cf. também FARBER, 1979, p. 509.
- ¹⁰ NADON, 2001, p. 40.
- ¹¹ Cf. 2.3.7–16, 8.3; também Newell (1983) e Tuplin (1997, 80–81). Em contraste, Johnson (2005) argumenta que o estabelecimento de um sistema meritocrático contradiz o igualitarismo anterior e é prejudicial para as classes superiores sem melhorar significativamente o destino das classes mais baixas. Ele também argumenta que Ciro troca a virtude pela obediência ou lealdade e isso representa uma degeneração (p. 187; cf. 193). Contudo, ele não mostra que Xenofonte considera lealdade e obediência como formas inferiores de virtudes. Mais ainda, em várias passagens, Xenofonte parece colocar um alto valor nessas qualidades (cf. Mem. 4.4, Cyr. 8.1).
- ¹² Uma ambiguidade similar existe entre a cidade em paz e a cidade em guerra na *República* de Platão. A cidade em paz na *República* tem uma reivindicação superior em ser o ideal do que o regime persa na *Ciropédia*, pois Sócrates a chama de cidade saudável e a contrasta com a cidade em chamas (372e). Apesar disso, poucos pesquisadores clamam que essa cidade é a ideal para Platão ou que a cidade que ele desenvolve pode ser criticada somente por divergir desse ideal. Cf. ROSEN, 2005, p. 75–76) – agradeço Roslyn Weiss por esta referência.
- ¹³ GERA, 1993, p. 297–298.
- ¹⁴ *Blepon nomos*: cf. WEATHERS, 1953, esp. p. 317–319, SAGE, 1994, esp. p. 164–166; AZOULAY, 2004b, p. 25–26.
- ¹⁵ Cyr. 8.1.8. A tradução da *Ciropédia* é a partir de Ambler (2001), com pequenas modificações. Outras traduções são minhas.
- ¹⁶ Cf. LUCCIONI, 1947, p. 246–254; DUE, 1989, p. 16–22; MUELLER-GOLDINGEN, 1995, p. 262–271; SAGE, 1994, esp. p. 167.

- ¹⁷ SAGE (1994, p. 167-174) entende que isso é um sinal da negligência de Ciro. O argumento, porém, é quase que puramente *ex silentio*.
- ¹⁸ Cf. BREEBAART, 1983; GRAY, 2011, p. 280-282.
- ¹⁹ NEWELL, 1983, p. 900.
- ²⁰ Cf. também WOOD, 1964, p. 62-63.
- ²¹ TUPLIN, 1993, p. 36.
- ²² CARLIER, 1978, p. 157.
- ²³ TATUM, 1989, p. 66, 71.
- ²⁴ Idem, *ibidem*, p. 98.
- ²⁵ A questão da atitude de Sócrates com relação a lei estatutária é complexa e interessante. Cf. MORRISON, 1995; DORION, 2001; JOHNSON, 2003; DANZIG, 2009.
- ²⁶ Cf. NADON, 2001, p. 87-88.
- ²⁷ Idem, *ibidem*, p. 52.
- ²⁸ Cf. também GERA, 1993, p. 294-296.
- ²⁹ Esta questão não é anacronista. Os gregos eram críticos aos que agiam somente por interesse próprio, referindo-se a eles como *philautoi* (cf. *Ética à Nicômaco* 9.8). Contudo, essa característica parece ser condenável somente no caso daqueles cujo interesse próprio fez com que eles falhassem em servir os interesses de seus amigos. Essa é a razão, eu presumo, de que nenhum dos antigos acusou Ciro de ser um *philantos*.
- ³⁰ TATUM, 1978, p. 156.
- ³¹ PANGLE, 1994, p. 149-150.
- ³² GERA, 1993, p. 294-295.
- ³³ NADON, 2001, *e.g.* p. 60, 160, 179-180.
- ³⁴ AMBLER, 2001, p. 11-18.
- ³⁵ Idem, *ibidem*, 2001, p. 13-14.
- ³⁶ Existe um paralelo interessante entre a forma que Gadatas fala sobre Ciro e como este fala sobre aquele, o que sugere que Gadatas não é nem um pouco ingênuo com relação às motivações de Ciro. Em vez de um contraste entre um líder altruísta e um líder egoísta, temos um retrato de dois líderes que agem baseados em diversos interesses, mas louvam o outro por ser o primeiro em conceder benefícios. Assim como Gadatas louva Ciro por agir sem nenhuma obrigação anterior, também Ciro louva Gadatas por agir de modo similar (5.3.30-31). Mas, o próprio Ciro sabe perfeitamente que Gadatas está agindo por interesse próprio, pois quando Gobrias menciona primeiro Gadatas, ele o descreve como alguém que iria pagar para se vingar do rei (5.3.10). Sua descrição pública das motivações de Gadatas é feita para satisfazer seus interesses pessoais e políticos. Ciro deseja inspirar sua tropa para ajudar Gadatas e o faz descrevendo Gadatas como um benfeitor que não tinha nenhuma obrigação prévia. Similarmente, Gadatas sabe perfeitamente bem que ele ajudou Ciro de modo significativo, mas ele ainda assim fala como se Ciro fosse o primeiro a conceder qualquer ajuda.
- ³⁷ Incidentalmente, se o pai de Ciro representa o regime antigo, toda crítica a Ciro nesse ponto também se aplica àquele regime.
- ³⁸ Aristóteles, por outro lado, critica motivações interessadas na amizade (*Ética Nicômaco* 9.5 [1167a14-18]). Se ele não tinha em mente Xenofonte, o tipo de amizade que ele critica é claramente similar ao que vemos em Xenofonte)
- ³⁹ AZOULAY, 2004b, p. 323, n. 229.
- ⁴⁰ Contra J. de Romilly, p. 140-141. *Philanthropia* é certamente uma técnica de governo e não uma generosidade “autêntica e espontânea”. Carlier (1978, p. 153) coloca melhor: “*La générosité de Cyrus n’est pas seulement un trait de caractère, c’est une méthode de gouvernement*” (A generosidade de Ciro não é somente um traço de

caráter, é um método de governo. O *itálico* foi acrescido). Posteriormente, porém, Carlier contrasta os dois motivos (156).

⁴¹ Esta última qualidade recebeu um estudo detalhado por Due (1989, p. 163-170) e Azoulay (2004b, esp. p. 320-326).

⁴² O Deíoces de Heródoto é um exemplo de uma benevolência falsa, mas politicamente bem-sucedida. (1.96-101).

⁴³ A utilidade da beleza é um tema geral das obras de Xenofonte e aparece em detalhe nos discursos de Clínia e Sócrates no *Simpósio* (4.10-18; 5.4-7; cf. *Mem.* 4.6.9)

⁴⁴ O valor prático da sinceridade é atestado em tempos modernos pela ênfase que Dale Carnegie dá à importância de mostrar um interesse sincero nos outros (*How to win friends and influence people*, parte II, capítulos 1 e 6). Uma ideia similar aparece em uma estória sobre o Rabbi Israel ben Eliezer, popularmente conhecido como Ba'al Shem Tov. Quando perguntaram quem era o homem mais benevolente que ele conheceu, ele disse que era o dono de uma taverna local, pois provê comida e abrigo para todos que pedem e sempre faz isso com o sorriso caloroso. Quando objetaram dizendo que o homem só faz isso em face dos lucros que ele espera ter dos seus negócios, o Ba'al Shem Tov replicou que, ao contrário, o homem escolheu o negócio como um pretexto conveniente para exercer o seu amor pela humanidade. No caso de Ciro, alguém poderia argumentar que o desejo de manipular os outros para a sua própria vantagem traz o melhor de dentro dele: sua afeição pelos outros poderia ter ficado quieta em seu coração se não fosse útil para ele expressá-la.

⁴⁵ MORRISON, 2008, p. 13-18.

⁴⁶ Idem, *ibidem*, p. 15-18.

⁴⁷ TATUM, 1989, p. 71.

⁴⁸ Cf. NADON, 2001, p. 179-180.

⁴⁹ Cf. GERA, 1993, p. 294-295; e BREEBAART, 1983, p. 121 (“planejamento monárquico pressupõe que o número de funções é equivalente à variedade da espécie humana...”); e (127) (“o bem-estar do rei e dos súditos é idêntico”). Não estou dizendo que Ciro ama ou beneficia a todos. Além das características que Xenofonte menciona, Ciro também parece ter um agudo amor por matar, o que não me parece reduzível pelo amor à honra.

⁵⁰ Ambler traduz “assim como um pastor deve usar o rebanho enquanto o mantém feliz”. O termo “usar” pode ter uma conotação negativa em inglês neste contexto. Por vezes, *chresis* significa “uso” no sentido em que falamos de alguém que se vale de outra pessoa para seu próprio benefício e, portanto, pode também ter uma conotação negativa (cf. *e.g.* Arist. *Eth. Nic.* 9.5 [1167a18]). Eu não vejo nenhum problema se Xenofonte quer dizer aqui Ciro ter um benefício próprio enquanto está fazendo os outros felizes. Mas para evitar enviesar a questão, eu preferi traduzir *chraomai* como “tratar”

⁵¹ Cf. Arist. *Eth. Nic.* 9.8 (1168a–1169b).

⁵² Mesmo no caso de Sacas, Ciro argumenta que ele irá fazer melhor a tarefa do que seu rival (1.3.4-9)

⁵³ Outros comentadores também veem este episódio como um exemplo da busca interesseira de Ciro e seu tratamento injusto dos outros. Esta é a implicação do tratamento de Carlier do incidente (1978, p. 146-147). De acordo com Gera (1993, p. 285), este é o único incidente antes da conquista da Babilônia no qual “temos um vislumbre do lado mais negro das conquistas históricas de Ciro, o grande”. Ela não menciona o tratamento de Ciaxares em sua lista de ações mutuamente benéficas que Ciro faz antes da conquista da Babilônia (p. 294-295; em minha visão, esse tratamento pertence a lista). Cf. também HIRSCH, 1985, p. 81-82; TATUM, 1989, p. 115-133; AZOULAY, 2004b, p. 63-68.

⁵⁴ Nadon argumenta que a fabricação é a alegação de Ciro que ele convidou Ciaxares a se juntar a ele para se vingar dos assírios. De acordo com Nadon (2001, p. 97), citando 4.1.20, ele meramente pediu à cavalaria para buscar os que tinham ficado para trás. Porém, Ciro estava se referindo às suas palavras anteriores (4.1.12). Embora Xenofonte não tenha gravado as palavras, a resposta de Ciaxares (4.1.13-18) deixa claro que ele acha que Ciro o convidou para um ataque conjunto aos assírios. Uma vez que Ciaxares entende que Ciro o convidou, ele não poderia alegar que o convite foi uma fabricação de qualquer tipo.

⁵⁵ A comparação de objetos e tropas é um *tópos* minoritário em Xenofonte: Ciro compara um exército bem equipado com um vestido decorativo, argumento que boas tropas são a melhor decoração para seu comandante (3.3.6; cf. 2.4.5-6; 8.3.4).

⁵⁶ Cf. Danzig (2007) para uma análise mais detalhada das visões de Xenofonte sobre a enganação. A estratégia de trazer grandes leniências para depois retratar um líder que consegue ser bem-sucedido sem elas é característico de Xenofonte. Por exemplo, ele parece crer que nada proíbe um ataque não provocado a um país vizinho: o seu Ciro argumenta longamente que devemos usar a virtude militar tal qual usamos as habilidades agrícolas e ele critica seus ancestrais persas por não colher os frutos da virtude militar ao não os colocar em prática (1.5.8-11). A não ser que ele quis dizer que os persas falharam em responder aos atos de agressão no passado, tal crítica à inação presume a legitimidade de uma guerra não provocada. A atividade militar irrestrita desse tipo parece se justificar pois elas tendem a resultar na vitória dos regimes com uma justiça distributiva maior (cf. Danzig, 2009; em contraste, DUE, 1989, p. 158-163). Contudo, na prática, Xenofonte retrata Ciro como alguém que evita uma agressão não provocada pois existem vantagens em começar na posição de quem foi injustiçado (cf. 1.5.13)

⁵⁷ Contraste GRAY, 2011, p. 267.

⁵⁸ Em outros casos, Ciro não tem necessidade de nada próximo de um subterfúgio. Ele usa a violência para efetuar trocas com líderes inimigos. E, ao confrontar os amigos, ele se fia nas formas usuais de persuasão seja porque ele sabe que o outro lado não irá se arrepender da redistribuição ou porque ele tem o poder de forçar caso seja necessário.

⁵⁹ Cf. o comentário de Weathers (1953, p. 320): “O truque de Ciro não é tanto falsidade quanto é uma superioridade no pensar. É manipulação ao invés de enganação”. Podemos acrescentar que é manipulação para a vantagem de sua vítima.

⁶⁰ Nadon (2001, p. 92) levanta perguntas sobre o significado do termo providencial neste contexto ao apontar que “Xenofonte vem dar uma descrição da chegada providencial em termos puramente humanos”. Porém, Xenofonte está provavelmente se referindo ao *timing* de sua chegada.

⁶¹ Incidentemente, enquanto esse comentário parece feito somente para aliviar seu tio a necessidade de dar um comando, ele também serve para aumentar o espírito dos soldados: soldados que vêm livremente são mais entusiasmados do que os que vêm de forma obrigatória.

⁶² AZOULAY, 2004b, p. 60-72.

⁶³ Alguém pode alegar que a promessa aos hircanianos que ele irá perseguir os assírios é uma violação de seu acordo com Ciaxares, se ele obrigar os voluntários da Média e não somente a tropa de Ciro. Porém, o encontro com os hircanianos ocorre antes que as tropas da Média de fato se unam a expedição de Ciro e isso significa que a promessa que Ciro fez aos hircanianos não foi feita em nome de nenhum soldado da Média. Aparentemente, Ciro está disposto a se juntar com os hircanianos e perseguir os assírios mesmo se ele não tiver nenhuma tropa da

Média. Alguém pode se questionar como Ciro poderia realizar tal feito sem nenhuma cavalaria, mas os hircanianos têm uma cavalaria própria.

⁶⁴ Outras considerações também entram aqui. Como Ciaxares declinou em participar da expedição, ele não pode ter expectativa de ser consultado com relação a mudança de planos. Ademais, ele mostra desejo em receber os benefícios dos esforços de Ciro de modo que Ciro possa justificadamente acreditar que ele está agindo nos interesses de seu tio ao aumentar o escopo da campanha. A acusação de que Ciro se negou a consultar com um oficial superior sobre a mudança de planos parece inapropriada uma vez que Ciro não é membro do exército de Ciaxares e, portanto, este não é seu oficial superior.

⁶⁵ O contraste é formulado por Maquiavel, possivelmente com Xenofonte em mente. Cf. *Príncipe* cap. 6-7.

⁶⁶ Cf. *Mem.* 1.1.7-9: Xenofonte também enfatiza que o sucesso de Ciro é dependente das suas características naturais. Se ele não tivesse nascido como o belo filho de um rei, ele não teria tido o sucesso que teve. Isso pode ser parte de um esforço indireto para explicar por que Sócrates, que não tinha ambas características, nunca governou o mundo.

⁶⁷ Como Tuplin (1997, p. 85-86) aponta, “Ciaxares largamente trouxe as circunstâncias que o levou a ser alienado pelos homens da Média”. Ademais, foi graças a impaciência tática de Ciaxares que Ciro, como um subordinado, teve que ceder a ela (3.3.29, p. 46, 56), o que produziu uma situação exigindo uma ação militar subsequente. Foi essa ação que causou a disputa (p. 86 n. 10). Esse é um ponto que Ciro tacitamente omite em sua conversa posterior.

⁶⁸ *Apronoetos*. Aqui, eu me desvio da tradução de Ambler pelos motivos que dou abaixo.

⁶⁹ Nota do tradutor: “*lack of foresight*”.

⁷⁰ No sentido socrático, Ciro não pode ter usurpado reinado dele uma vez que ele não era um rei genuíno em primeiro lugar. Embora ele se diga ser um (5.5.8, 34), Sócrates define um rei não como alguém que detém o cetro, mas como alguém que sabe reinar (*Mem.* 3.9.10-11; cf. 3.1.4, 3.2). Por outro lado, em vários pontos da narrativa, os personagens comentam que Ciro é verdadeiramente um rei por sua própria natureza (e.g. 1.4.9 – o próprio Ciaxares; 5.1.24) e o próprio Xenofonte atribui a ele o conhecimento de como reinar (1.1.3).

⁷¹ Croesus: 7.2.26–28; Sacian: 8.3.35-48. Cf. Azoulay (2004b, p. 66-67), enquanto Ciaxares poderia melhor se adequar ao papel de uma mulher, isso não deve ser necessariamente interpretado como um elogio. Contraste com Gray (2011, p. 275-276).

⁷² Ao reportar a reação de Ciro às cartas de seu tio, Xenofonte enfatiza o contraste entre ambos. Imediatamente antes de receber a carta, Ciro tinha enviado um pedido para mais tropas persas. Ele diz que essas tropas são necessárias para ganhar o controle da Ásia para a Pérsia, revelando esse objetivo pela primeira vez. (4.5.15-17). Seu sucesso recente contra os assírios deu a ele um novo objetivo. O desejo de usar a força militar para ganhar recursos não é novo, como ele enfatiza para suas tropas em seu primeiro discurso. No entanto, somente agora ele vê uma oportunidade clara de fazê-lo. Logo depois de enviar essa mensagem otimista, Ciro recebe o mensageiro de Ciaxares, que exige o retorno das tropas medas. O contraste nos traz à tona a divergência na liderança entre ambos.

⁷³ A palavra *keleuein* causou alguma confusão. Uma vez que ela pode ser traduzida como “dar uma ordem”, Nadon (2001, p. 94) detectou uma contradição entre a descrição de Ciro do evento e do evento em si. Mas *keleuein* é um termo mais brando do que “ordem” e pode ser melhor traduzido como “pedir” ou “direcionar” (cf. e.g. AMBLER, 2001 em 5.1.1). Assim sendo, essa não é uma forma inapropriada de se referir à permissão que Ciaxares deu às suas

tropas.

⁷⁴ CONTRASTE NADON, 2001, p. 96.

⁷⁵ CARLIER, 1978, p. 147.

⁷⁶ A conversa remete a disputa entre Aquiles e Agamemnon na *Iliada* 1.152-1.160. Enquanto Agamemnon se viu como o líder poderoso do exército, Aquiles retrata Agamemnon como uma vítima necessitada que pediu e recebeu sua ajuda e que não é grato. Similarmente, Ciro faz Cixares perceber que ele é o recipiente desamparado e ingrato da sua bondade. É claro, Ciro o faz usando uma linguagem mais moderada do que a de Aquiles, e consegue um resultado mais benéfico para todos envolvidos. Aqui, como em muitas vezes, Xenofonte dá uma solução não trágica para os problemas que estão no coração da tragédia grega.

⁷⁷ NADON, 2001, p. 98-99; cf. CARLIER, 1978, p. 147.

⁷⁸ Cixares também pede a Ciro para se colocar em seu lugar: “E, se você, amigavelmente, permitisse a um de seus amigos pegar o que ele quisesse e, ao ouvir isso, ele pegasse tanto quanto fosse capaz e sáisse. Então, ele se torna rico com o que é seu, enquanto você não podia usar nem mesmo um pouco do que tinha, você iria considerar essa pessoa um amigo sem nenhuma, mancha?” (5.5.32). Ciro não responde a esse desafio ou a muitos dos outros pontos que Cixares levanta, mas não é difícil de imaginar uma resposta. O empréstimo não foi feito somente por amizade, mas dado com vistas de um possível ganho. As ações de Ciro podem ser comparadas como pegar um empréstimo de um banco e, então, depois de transformá-lo em uma quantia mais substancial, comprar o próprio banco. Esse tipo de manobra pode enraivecer o presidente do banco. Ele pode se arrepender de ter dado o empréstimo em primeiro lugar. Ele pode achar que a compra é uma falta de gratidão, mas não seria. E, quando ele vir que sob os novos donos o banco está salvo de um colapso, é mais próspero do que nunca e ele ainda pode manter sua posição como presidente, ele pode até mesmo receber o novo arranjo de braços abertos.

⁷⁹ CARLIER, 1978, p. 147.

⁸⁰ NADON, 2001, p. 98.

⁸¹ Idem, ibidem, p. 98.

⁸² Cf. GERA, 2007, p. 39-41.

⁸³ DANZIG, 2010, p. 156–157.

⁸⁴ Podemos somente especular se os alunos de Sócrates mereceram ou não crédito por salvar a cidade de Atena. Alguns poderiam ser creditados em salvar Atenas ao estabelecer o reino dos Trinta Tiranos. Embora muito impopulares posteriormente, eles poderiam alegar ter salvado Atenas da ira dos espartanos no final da Guerra do Peloponeso. Porém, se a analogia é precisa, o fato deve ter ocorrido depois da morte de Sócrates.

⁸⁵ Para uma interpretação muito diferente deste paralelo, cf. HUSS, 1999, p. 404.

⁸⁶ NADON, 2001, p. 99.

⁸⁷ Cf. 5.5.11. Em alguns casos, como nesse tratamento do rei da Armênia, Ciro, de fato, força os outros a se curvarem à sua vontade publicamente, mas são exceções. Gray (2011, p. 275) oferece uma explicação similar para o silêncio de Ciro.

⁸⁸ NADON, 2001, p. 99-100.